O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

QUARTA-FEIRA 30 DE JANEIRO DE 1889

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:764

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Companhias viticolas.—A questão do dia.—A barra de Aveiro.—Confrontos.—Carta do Trado ao Judas.—Noticiario.—O decoro do poder.—A serpia.—A questão do Porte.—Carta de Lisboa.—Sessões parlamentares.—Secção agricola: A exposição pecuaria de 1888, *por Dyonisio Antonio Ferreira*,—Secção litteraria: Passeiando, *por Renato Franco*.—Parte official.—Folhetim, Ivanhoé ou o regresso do cruzado.—Correio de Lisboa.—Carta do Porto.

AVEIRO

COMPANHIAS VITICOLAS

I

No *Primeiro de Janeiro* de 17 do corrente vem o resumo do que se passára na vespera na reunião, que teve logar na Bolsa do Porto, a pedido da Associação Commercial d'aquella cidade com referencia ao assumpto indicado pela epigraphe d'este artigo. Allude-se ali a uma exposição feita pela direcção da referida Associação, na qual se allega que a creação da Companhia Viticola do Norte era *um attentado* á liberdade do *honrado* commercio da mesma cidade. Fallou ali o sr. Lopes Coelho, e affirmou que os negociantes de vinhos do Porto são *trabalhadores* e não *exploradores*, mas não querem que lhe seja *coarctada* a liberdade d'acção, *manietada* a iniciativa; querem que os deixem *trabalhar* em paz. Accrescentou que aos negociantes convém manter na sua *pureza* os vinhos, que exportam, porque, descoberta a falsificação não teriam acceitação os que depois exportassem. Queixou-se amargamente de que alguns fundadores da nova companhia *monopolisadora* tenham calumniado o commercio, attribuindo-lhe aquella falsificação, e reclama um *travão* (bella ideia!) para estes *insupportaveis* vexames; entra largamente depois no campo das retaliações pessoaes, attribuindo os mais nefandos propositos aos seus adversarios. Volta ainda á questão das marcas, a que já anteriormente alludira, e diz que a disposição do governo a conceder *marca official* a quem quizer usar d'ella é uma *caçoada*, porque a Companhia tem um *bonus* de 15:000$000, e a isenção de *todas* as contribuições, o que se não concede aos particulares. E conclue com *chave d'ouro*, affirmando que o fim do governo é *inutilisar* a iniciativa d'aquella cidade, e que o *monopolio* ameaça os commerciantes.

A isto devemos crêr se reduzem as queixas do commercio de vinhos portuense, porque ninguem mais ali fallou, e as palmas da assembleia significam plena approvação d'aquella arenga, que está por certo muito longe de significar a discussão sisuda de tão momentoso assumpto. Não ha ainda muito tempo, porém, que foi largamente distribuido um impresso dirigido aos viticultores do norte de Portugal, e em especial da região vinhateira do Douro, com o fim tambem de combater a creação da nova companhia, e ahi se allegam as mesmas banalidades. Grande tirada sobre a complicada questão dos preços e das maiores despezas de grangeio a par da *diminuição da producção, o que* ali se aponta para justificar a *protecção directa*, que o governo deve á agricultura; conclue, porém, que nada se deve confiar nas marcas de região, porque é isso facil d'illudir, e appella para a união do commercio e lavoura como meio mais adquado para a solução da crise, que se teme.

II

Mas que quer tudo isto dizer?

A estes brados de indignação do commercio do Porto, a estas violentas invectivas aos fundadores da nova companhia, responde a Associação Real d'Agricultura na sua ultima reunião, approvando plenamente aquella creação, e pedindo outras e a maior parte das camaras do paiz, approvando a iniciativa do governo a tal respeito. Então todos estamos enganados e só o sr. Lopes Coelho acerta nas suas locubrações!

Deixemos á parte recriminações e discutamos placidamente sem querermos saber se os commerciantes falsificam os vinhos, ou as vantagens que n'isso pódem ter. Imaginemos que compram os vinhos das regiões que lhes convém, e os exportam *puros* ou lotados com outros, preparando assim os que encontram mais facil consumidor.

Mas uma companhia, ou uma duzia de companhias, que se organisem para commerciar em vinhos, não podem ter os mesmos intuitos? Não alargam assim a exportação, não podem pelos seus esforços abrir novos mercados, seguindo mesmo os exemplos de que tanto alardeiam os que já ha muito tempo se entregam a esse commercio? Não é a *concorrencia* o effeito necessario da applicação do trabalho de que tanto se ufanam?

Se preferem o trabalho individual ao trabalho das companhias, admira que o sr. Lopes Coelho ignore que existe no Porto ha muitos annos uma importante companhia exportadora, e representante d'outras, que tiveram enormes privilegios, e subsidio de reis 150:000$000 por 20 annos; que arrecadou e não sabemos se ja deu conta ao governo das sobras, como lhe ordenava o artigo 20 da lei de 21 de maio de 1843.

Se o governo não tem exigido estas contas, parece que não é acto de generosidade da parte do sr. Lopes Coelho, que ouvimos ser um dos directores d'aquella Companhia, asseverar, sem prova alguma, a *extranha* e *banal* proposição de que o governo tem por fim inutilisar a *iniciativa* da cidade do Porto!

Mas como combater a conveniencia das companhias, que dispõem de capitaes, que nem sempre tem ao seu alcance qualquer particular?

Então vão riscar-se dos livros da sciencia economica tudo o que se tem escripto em sentido contrario e passa geralmente como incontestavel?

Não é a união, que faz a força?

As companhias viticolas são um bem, como são as de tecidos e tantas outras que se tem estabelecido entre nós e no extrangeiro. O commercio dos vinhos, se é excepcional, porque exige grandes capitaes para se fazer convenientemente, mas isso mais convence da conveniencia das Associações viticolas. Sustentar o contrario, é tornar bem claro que em logar de estudar o problema na sua mais larga orientação, se não sae do campo das recriminações, que a ninguem aproveitam. As companhias não inutilisam a iniciativa de ninguem, porque, se os individuos que não fazem parte das que existem, não podem concorrer com ellas, nada obsta que se constituam tambem em Associação, se esse é o melhor remedio. Não podendo, pois, combater lealmente n'este campo, queixam-se do *monopolio*, como se fosse essa a verdadeira questão!

Quem se illude já com essas ridiculas explorações? Admiravel *monopolio* é aquelle, de que todos se podem livremente aproveitar!

III

No terreno de concorrencia *legitima* as novas companhias estão em peores condições ainda que os antigos commerciantes, que já teem creados os seus estabelecimentos, e fundado o credito das suas firmas.

Mas a verdade é que para ella produzir os seus legitimos effeitos, devem encontrar-se os concorrentes nas mesmas condições com relação á lei, que deve ser egualmente benefica para todos. Onde estão, pois, as *vantagens* e *privilegios*, que o contracto concede á nova companhia? Isso é que devia francamente discutir-se.

Do auxilio diplomatico e *consular* e mesmo do estabelecimento de agencias e exposição permanente de vinhos nos principaes mercados do mundo, é inutil fallar, porque ninguem duvida que nem este, nem qualquer outro governo deixe de prestar a outra companhia, ou particular, as facilidades, que para o seu commercio lhe podem d'aqui resultar.

Com referencia ás marcas não são mais fundadas as criticas apaixonadas a que alludimos. A lei de 4 de junho de 1883 estabelece no artigo 1 e 2 que todo o industrial, ou commerciante, tem o direito de assignar os productos da sua industria, ou os *objectos* do seu commercio, usando de marcas especiaes e distinctivas, e bem assim de as fazer *carimbar* pelo Estado, sujeitando-se ás condições e formalidades que a lei prescreve.

No artigo 5 se trata de definir essas condições e no n.º 3 se declara que, quando se indica o paiz, região, ou localidade de producção, deverá conjuntamente inscrever-se a respectiva firma commercial, ou o seu nome proprio; e no n.º 4 se accrescenta emfim que todo o *fabricante de vinhos*, que na sua marca indicar o paiz, ou região productora, deve, além d'isso, accrescentar o nome da quinta, onde o vinho foi primitivamente preparado, ou da freguezia onde essa quinta fôr situada. Do carimbo official, portanto, podem todos aproveitar-se.

Conforme o artigo 10 estabelece elle apenas a *presumpção legal* da authenticidade das marcas a que se applicar.

Ora, o que se encontra no contracto de 5 de dezembro é isto mesmo, porque no artigo 7 se declara que a companhia poderá estabelecer, para os vinhos de região já acreditada, ou a acreditar com o nome, ou marca da região, armazens alfandegados, sujeitos á fiscalisação do governo; e no artigo 9 accrescenta: que a companhia terá uma marca propria, distincta, e alem d'isso todas as marcas especiaes necessarias para designação dos productos, que exportar.

E' precisamente a applicação dos preceitos consignados na citada lei, accrescentando apenas a fiscalisação dos *armazens alfandegados*, que é um privilegio *negativo* para a companhia, porque a citada lei de 4 de junho de 1883, nem isso mesmo exigia. Mas em logar de discutir n'este terreno o sr. Lopes Coelho, assevera que estas facilidades não passam d'uma *caçoada*... *Caçoada* nos parece tudo o que s. ex.ª disse tão emphaticamente!

Que resta pois?

IV

Pura e simplesmente a questão do subsidio e garantia de juro, em que se comprehende tambem a dispensa d'impostos. O subsidio, porém, deve certamente ceder-se em relação ao movimento da companhia; é de 15 contos para um capital de 1.000:000$000 réis, o que pouco vale, porque d'esse mesmo movimento o paiz tira directamente vantagens em cifra equivalente, alem das indirectas, resultantes do melhoramento das condições do productor.

Se a exportação é uma necessidade de todos reconhecida, o paiz não póde, e nem deve negar-se a fazer os sacrificios que forem necessarios para a augmentar.

O subsidio é um premio á exportação. O que respeita á contribuição industrial e de registro, é tão insignificante que não merece a pena de discutir sobre este ponto.

Pequena é essa compensação para o encargo de manter exposição permanente de vinhos nos principaes mercados do mundo.

E não constitue um privilegio, por que não se negam e nem podiam negar-se as mesmas vantagens a quaesquer outros exportadores em igualdade de condições, como prevê o art. 7 § 1.º do mencionado contracto. A unica aspiração louvavel do sr. Lopes Coelho é a que respeita á união d'esforços do commercio e da lavoura; mas não para combater a formação das companhias, por que isso seria um contrasenso, ao menos para a lavoura.

Pois se, apesar da molestia, que tem atacado as vinhas, o genero abunda e se está por isso vendendo em baixo preço e a exportação se impõe como necessidade impreterivel, com que fundamento plausivel se quer arredar quem a quer promover?

Custa a crêr que o illustrado commercio do Porto não veja que, na sua fórma de proceder a este respeito, apresentando-se como campeão contra um monopolio visivelmente imaginario, dá logar a poder pensar-se que é elle que o pretende explorar em seu beneficio, combatendo aspera mente toda a concorrencia.

Permittam-nos que lhe digamos que não vêem claro; e parece que os vapores do Douro embaciam a sua perspicacia!

Unamo-nos todos, sim, para combater *privilegios* ou *favores*, que arruinam o commercio já estabelecido.

Para o conseguir não temos, porém, fundamento para combater a formação de novas companhias viticolas. O que devemos pedir é que as concessões feitas a umas, sejam *communs* a todas, que se formarem, e se estendam mesmo aos individuos que acceitarem os mesmos encargos. O que devemos pedir é que o subsidio seja *proporcional* á exportação, e que as companhias possam livremente comprar os seus vinhos onde lhes convier.

Nada de *monopolios* legaes, mas guerra persistente aos de *facto*, e para o conseguir é que convem a formação das companhias vinicolas poderosas.

Bairrada.

Um lavrador.

A QUESTAO DO DIA

A ordem substituiu a anarchia e os successos recentes como que fazem *esquecer os factos que passaram á historia*, e que seria melhor para todos nunca terem existido. Porque as conveniencias de qualquer classe não podem prevalecer aos direitos da sociedade, nem os caprichos e intransigencias de um grupo numeroso e preponderante podem egualmente ter a pretenção de valerem mais que a collectividade. E porque ahi se fez exactamente o contrario, o commercio do Porto soffreu perturbações, cujas consequencias elle mais tarde ha de sentir. Os conselheiros que o arrastaram a manifestações, contrarias á sua indole conservadora, collocando-o fóra do trilho, que nunca devia ter abandonado, são irresponsaveis, porque jogam de porta como batoteiros experimentados.

Não foi por tanto a questão da sellagem que alvoroçou os espiritos, nem ella iria tão longe se não tivesse a impulsal-a a famosa questão da companhia vinicola. As casas que teem o monopolio d'este ramo de commercio, com excepção de duas ou tres, tem feito os maiores esforços para que não vingue o decreto de 5 de dezembro. E como os seus commissionados nada conseguiram do governo, serviram-se como ariete dos mercadores de lãs e algodões, dos negociantes de modas e confecções, bem como dos donos dos barcos que no Douro fazem a carga e descarga dos navios surtos n'aquelle porto. Entenderam ellas que fazendo convergir ao mesmo tempo todos estes elementos, o governo recuaria em seus propositos sacrificando-lhes a viticultura do paiz á febre da ganancia, como se a lavoura nacional podesse ser explorada exclusivamente pela oligarchia do syndicato Andressen & C.ª. Eis o mobil de todos os desaguisados, que ha quasi um mez se teem dado no Porto, cuja população é indifferente aos manejos dos interessados, porque não obtempera ás sugestões de nenhum potentado.

Os dos vinhos mantêm fechados os seus armazens. As tanoarias fecharam tambem. Allega-se que isto é um simptoma de descontentamento. Podera! Para se dizer isso mesmo, é que assim se resolveu. Não se teve em vista respeitar a legalidade, nem o commercio licito, nem as conveniencias legitimas de qualquer classe da sociedade. Os preparadores de vinhos ditos do Porto fizeram os seguintes calculos: «Nós fechamos, e pomos na rua os nossos operarios; e quando a fóme apertar com elles, elles farão barulho, porque não teem que comer. A responsabilidade ficará sendo d'elles e não nossa; e quando houver sarrafusca nas ruas, e alguas cairem victimas das nossas combinações, o governo ha de ser accusado por isso e o contracto de 5 de dezembro será annullado, quer o ministerio queira quer não queira.»

E' este o plano, mas quanto á baldeação, tomaram-se já providencias efficazes. Além d'algumas desenas de barcos que se empregam actualmente na carga e descarga dos navios, estão-se construindo pontilhões, para facilitar este serviço. D'aqui a pouco a *gréve* dos donos dos transportes cahirá pela base, e elles terão compromettido o futuro da empreza, que sacrificaram em homenagem aos dos vinhos. Como se vê são estes ultimos que teem movido os cordelinhos. Ninguem mais quer a responsabilidade de tantos desastres acumulados.

No entretanto é para notar um facto, que quasi tem passado desapercebido. Os da *gréve* do rio telegrapharam a um deputado da opposição, que é funccionario graduado das alfandegas, communicando-lhe a actitude que haviam tomado e pedindo-lhe que lha sustentasse com a palavra. Consta que o mesmo deputado respondera aos *grévistas* que preserverassem no intento. Se é verdadeira a versão, o que pomos em duvida, a resposta seria uma provocação á desordem, e por tanto um conselho dado contra lei por um legislador, que é ao mesmo tempo empregado do estado! Quer dizer, teria ido tão longe o facciosismo partidario, que se esquecessem totalmente as regras que impõe o dever de respeitar a lei e os poderes constituidos!

Queremos acreditar, que tal telegramma é apocrifo. Preferimos este convencimento, a concluir, que andam tão baralhados os principios, que até os elementos officiaes chegam a prégar a anarchia, que outra cousa não é a *gréve* caprichosa, insustentavel, dos que nada soffrem com a execução do contracto de 5 de dezembro, porque nada teem com a companhia vinicola, nem com a questão da sellagem. E' a maior aberração d'este episodio tristemente celebre, em que a ganancia de meia duzia explora a credulidade ou a ignorancia dos outros.

Felizmente que já não são precisos barcos para a baldeação dos navios. Tudo se dispensa, e os *grevistas* reconheceram ainda que tardiamente, que é sempre máo offender as leis, e querer impôr-se pela força ao governo da nação.

A BARRA DE AVEIRO

Foram já entregues na secretaria do ministerio das obras publicas as primeiras quatro representações de que, n'este mesmo logar, démos conhecimento *aos nossos leitores, no numero* anterior d'este jornal.

Foram o illustre deputado e nosso presadissimo amigo, sr. dr. Castro Mattoso, e o prestante filho d'esta terra e distinctissimo parlamentar, o nosso bom amigo, sr. dr. Barbosa de Magalhães, quem, com a mais provada bôa vontade e com o mais fervido interesse, se prestaram a apresental-as ao nobre ministro, e a quem s. ex.ª respondeu, nos termos mais lisongeiros e na expressão mais penhorante e digna de louvor, que, no grandioso plano de melhoramentos nacionaes que a sua prodigiosa actividade concebe para o seu paiz tinha logar reservado e lhe merecia a sua mais alta consideração, a causa porque pugnamos e cuja patriotica iniciativa tomou a peito o nosso illustrado collega do *Parlamento*.

Ante-hontem á noite recebemos dos srs. drs. Castro Mattoso e Barbosa de Magalhães os seguintes telegrammas:

Campeão das Provincias—Aveiro

Entreguei as representações da Junta Geral, da Junta de Parochia da Vera Cruz, e a do *Parlamento* o pescadores. S. ex.ª o Ministro assegurou-me ter por Aveiro a maior consideração e vae nomear a Commissão d'engenheiros, que estudará com brevidade o plano das obras da Barra.

Magalhães.

—

Presidente da Camara Municipal *Aveiro*

Foi hoje nomeada uma Commissão d'engenheiros para estudar o plano das obras da Barra d'Avoiro.

Mattoso.

Hontem de manhã enviava-nos o nosso presado collega do *Parlamento*, o seguinte:

Ao Parlamento—Aveiro

Está publicada a portaria nomeando a commissão encarregada de fazer o projecto para os melhoramentos da Barra, a composta dos distinctissimos engenheiros Adolpho Loureiro, Sousa Gomes, e Luciano Simões de Carvalho.

Está, pois, resolvida a questão da Barra de Aveiro, a capital questão da nossa terra, a questão que, se em primeiro logar se deve aos nobres e potentes exforços dos mais notaveis filhos d'Aveiro, srs. dr. Francisco de Castro Mattoso, Manuel Firmino d'Almeida Maia, e dr. Barbosa de Magalhães, á generosidade e abnegação do sr. Emygdio Navarro—o mais activo, o mais energico e o mais benemerito ministro dos quantos tem sobraçado a pasta das obras publicas; em grande parte se deve tambem ao illustre redactor do *Parlamento*, talento jornalistico de primeira força, que a ella votou todo o enthusiasmo da sua mocidade alegre, todas as dedicações da sua alma grande, todas as aspirações do seu espirito emprehendedor.

Foi esta importante questão que originou a fundação do *Parlamento*; a elle se deve, pois, na sua quasi totalidade, o beneficio que o governo acaba de fazer-nos, nomeando a commissão de engenheiros que vem já estudar o plano, dando-se depois de empreitada a execução d'essas obras. Como o collega diz no seu supplemento de hontem: nada mais temos a pedir e a desejar.

Ao bando de garotos que, por habito de educação e sentimentos de costumes, nos ladra ás vezes ás botas, responde assim, e só assim, o partido progressista local.

Aos nossos concidadãos, a todos os que desejavam tão importante melhoramento, a quantos se interessavam por tão justa causa, as nossas felicitações. Ao governo, a Emygdio Navarro, a Castro Mattoso, a Manuel Firmino, a Barbosa de Magalhães, os nossos agradecimentos, como bons filhos d'esta terra.

CONFRONTOS

Lê-se no *Dia*:

«A opposição brinca. Ameaçou o governo, para quando se abrisse o parlamento, com um terrivel *ajuste de contas*, de contas novas e contas velhas já liquidadas, que obrigaria o paiz a sentenciar a banca-rôta de moralidade, de sciencia administrativa, de tino financeiro, de coherencia politica, da situação actual. Abriu-se porém o tribunal, funcciona ha quasi um mez, e os terriveis accusadores, os implacaveis liquidatarios, vão matando o tempo, a dignidade do parlamento, as esperanças dos seus partidarios, em patuscadas de palanfrorio, apepinações do regimento e apuramentos bysantinos de questiunculas e incidentelhos. Os Eolos, que promettiam tempestades, sopram bolas de sabão!»

Está descripta a opposição por mão de mestre. E' exactamente o que se tem passado na camara, e o que se espera succederá até ao final da sessão. Os disturbios parlamentares exprimiam a ausencia total de razão. Era preciso fazer barulho, e por isso houve sessões tempestuosas por causa de uns protestos mal cabidos. Tudo pequeno, como se n'este paiz tivesse descido a craveira da intelligencia e da aptidão.

Somma e segue.

CARTA DO TRADO AO JUDAS

Fozcôa, 28 de janeiro de 1889.

Caro amigo:—Primeiro que tudo a tua preciosa saude. Serve esta para te dizer quanto vivo attribulado n'este mundo em que os nossos adversarios politicos passam uma vida toda cheia de prazeres e felicidades; tudo lhes corre bem; o governo promette largos annos de vida. Eu afinal sou um desgraçado *em toda a extensão da palavra*; nunca soube o que era governar porque tenho estado sempre debaixo. Não me queixo de ninguem mas só de mim; a minha cabeça nunca teve um bocadinho de juizo.

Caro amigo:—Vão-me faltando os recursos pecuniarios porque tambem me faltam os leccionandos. Como sabes o Silvano tirou-me os filhos da aula. Não deixou de ter razão por causa do que tenho escripto contra elle; todavia, em primeiro logar está a politica por quem sacrifico tudo. Peço-te que continues a dispensares-me os teus amplos favores, bem como o Luiz Bernardo d'Almeida, o Freire e o Felix. Dependo de vós todos porque sou um miseravel.

Segundo me consta está breve a ser creada a cadeira de ensino complementar. Se assim fôr declaro-te que ficarei reduzido á mizeria. A fortuna é minha inimiga figadal; nunca me entrou em caza senão quando respondi no tribunal e fui absolvido. Um d'estes dias perdi em caza do carcereiro a modica quantia de 22$500. Já vês, pois, quanto a sorte me persegue. Só me resta a esperança de ser nomeado escrivão da administração quando esta gente cair e se vós não faltardes á vossa promessa. Creio que não faltareis. Já me chegou aos ouvidos que teu cunhado seria nomeado escrivão da administração e que isso era ponto já assente e definitivamente resolvido. Não acreditei porque confio plenamente em vós todos. Como sabes esse logar demanda muita circumscripção e intelligencia nos tempos que vão correndo. Ora, teu cunhado, quasi que não sabe fazer o seu nome; é um pobre seriqueiro e negociante fallido que só poderá habilitar-se para amanuense da camara, logar que hoje exerce o Camillo. E ao filho do Garcia, o taberneiro, é certo estar-lhe promettido outro logar d'amanuense? Peço-to m'o digas porque me interesso bastante por esse pobre diabo que me favorece de vez em quando com o seu quartilho.

E' verdade, não tenho lido a *Provincia;* segundo me consta já ha bastante tempo que não traz nada. Os homens mudaram agora para o *Jornal da Manhã*. Disseram-me que esta ultima correspondencia vinha furiosa contra a tua pessoa por causa das tintas, dos brincos e das mantas. Aqui para nós que ninguem nos ouve: aquillo é tudo verdade. Tu bem o sabes. A tua defeza no *Jornal de Noticias* não devia ter apparecido porque te compremetteu ainda mais. Fallas no negociante Centeio quando elle é carpinteiro e que por isso nada entende de tintas. O que elles desejam saber é onde estão essas tintas que não apparecem ou onde se gastaram. Deves-lhe responder com factos e documentos verdadeiros e não como agora fizeste, porque foi uma defeza porca. Estuda bem a questão e vê se lhe dás alguma sahida airosa. O Julio terá tenção de reclamar este anno contra a conta da camara, assignando o Chiote?

E' de toda a conveniencia que assim seja, para fazermos valer a nossa auctoridade e causar algum susto. O tribunal dá-lhe provimento no recurso porque não póde deixar de ser; todavia, assim deve proceder toda a opposição que se presa.

Vou terminar pedindo-te desculpa do estylo d'esta carta não ser mais levantado, mas como sabes, é o proprio porque é familiar, assim como que não deixes de me responder a todos os meus desejos e o mais breve possivel.

Obsequiarás muito o teu

Trado.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Foi apresentado parocho na egreja de Pias, concelho de Moura, o nosso amigo e digno prior de Santa Clara a Velha, concelho de Odmira, sr. Adriano Ferreira Netto.

Felicitando o illustre sacerdote, felicitamos os habitantes de Pias pelo digno pastor que vão ter.

— Já regressou de Vagos o nosso amigo e inteligente collaborador, snr. Silverio de Magalhães.

— Está quasi restabelecido o filhinho do nosso querido collega de redacção, sr. Firmino de Vilhena, pelo que sinceramente o felicitamos. Foi uma laringite aguda que o prostrou e que felizmente a medicina combateu a tempo.

— Estão hoje n'esta cidade o nosso bom amigo e honrado proprietario da *Casa Africana*, de Lisboa, o sr. Antonio Nunes dos Santos e sua ex.ma esposa.

Acertada nomeação—Confirmou-se a nomeação a que ha pouco se referiu o nosso estimavel correspondente da capital, pois foi despachado segundo official da direcção geral dos proprios nacionaes, no ministerio da fazenda, o nosso presado amigo, o sr. dr. Augusto Correia da Silva Mello, que exerceu muito dignamente o logar de administrador do concelho d'Ovar, que lhe deve assignalados serviços, e se achava ultimamente collocado no cargo de conservador do registo predial na comarca de Villa Nova d'Ourem. Não lhe falta competencia, nem intelligencia, nem erudição e inteireza de caracter para o desempenho do logar, em que foi provido, e por isso o seu despacho honra muito o nobre ministro da fazenda, que o referendou.

Ao nosso amigo apresentamos os nossos mais sinceros parabens.

A plantação das dunas.—O illustrado silvicultor, sr. Egberto de Mesquita, nosso patricio e amigo, n'uma das suas ultimas visitas ás dunas de S. Jacintho, cuja plantação dirigiu, trouxe dois magnificos exemplares de pinheiros em miniatura, que nos provam um magnifico resultado nas experiencias a que procedeu. Este excellente resultado honra sobremodo o digno e intelligente silvicultor, a quem sinceramente felicitamos.

A' Companhia dos Caminhos de Ferro.—A estação d'esta cidade, além das pessimas condicções em que foi reparada, não tem a luz preciza, nem sequer a sufficiente, para o seu importante movimento. Já que se não attendeu, á tão urgente necessidade de se alargar e estender o edificio, porque o movimento dava para isso, mandem ao menos substituir os candieiros, que são talvez seculares, por outros que dêem a luz precisa.

Desmentido.—Alguns jornaes, por mal informados, teem dito que o nosso amigo, o sr. dr. Augusto Correia da Silva Mello, que foi despachado 2.º official dos proprios nacionaes, como dizemos n'outra noticia, é filho do nosso dilecto amigo, o sr. dr. Albano de Mello. Ha engano. O sr. dr. Mello nada tem com a conhecida e honrada familia Mello, d'Agueda.

Não se entendem!—Os descarados embusteiros, que ahi guerreáram infamemente as irmãs hospitaleiras e a administração que as admittiu, quando o sr. conselheiro Espregueira nomeou nova commissão para a Misericordia disséram, cheios de embofia, que tinham sido elles que a haviam inspirado, que era toda da sua gente estreme, etc., e botáram foguetes d'alegria; mas como a mencionada commissão não subscreve talvez ás exigencias da barriga dos *chupistas*, porque tem uma norma de proceder muito correcta, já em altos berros pedem a eleição! A *sua gente* já lhes não serve! Ora entendam lá estes politicos de funil...

Sorteio militar.—Procedeu-se no dia 28, como estava determinado, no concelho d'Ovar, ao sorteamento dos mancebos recrutados no anno de 1888. Apesar dos manejos da gentalha do *regulo* do Matto-grosso, houve completo socego, em vista das convenientes medidas adoptadas pela auctoridade.

Fallecimento.—Em Demerara, aos estragos da devastadora febre que assola aquellas longinquas paragens, falleceu, ha tempos já, o nosso patricio sr. Antonio Pereira da Costa Biaia, capitão de marinha mercante, e um caracter honesto e bondoso. Voltava á patria no proprio dia em que adoeceu. Era novo ainda, casado ha pouco mais de dois annos, e geralmente estimado em Aveiro. Sentindo o seu passamento, porque era na verdade um bom moço, damos os pezames a suas virtuosa esposa, mãe e mais familia.

O Tritão.—Soube-se na tarde de sabbado n'esta cidade que andava fóra da barra um rebocador, que tinha vindo do Porto, a fim de conduzir para ali barcos, para o serviço da carga e descarga dos navios ancorados no rio Douro, em consequencia dos donos dos de lá se acharem em *gréve*.

O vapor não poude entrar então, mas entrou na manhã do dia seguinte. Era o *Tritão*, de pequenas dimensões, e trazia a bordo o sr. Brito, empregado da alfandega do Porto, para contractar os barcos que fossem precisos. De accordo com o sr. governador civil, encarregado da delegação, e o nosso prestante amigo, o sr. José Pereira Junior, foram comprados immediatamente 12 los maiores barcos, chamados do Alboi, e postas á sua disposição outras tantas *saleiras* da barra.

Na manhã de segunda-feira sahiu a barra o vapor, levando a reboque 6 barcos e 6 saleiras, tripulados por homens da Gafanha.

Hontem voltou o mesmo vapor a buscar o resto dos barcos comprados e das saleiras. Foi muita gente á barra para o vêr.

Senhora d'Apresentação.—O templo da sua invocação, ostentará no sabbado proximo as mais festivas galas, n'uma decoração elegante e vistosa de damasco e setins, abundancia de lumes e flôres artisticamente dispostas no altar da Virgem, a quem a freguezia tributa muito particular devoção.

Começa a pomposa festividade pela benção e procissão das *candeias*, seguindo-se a exposição, missa solemne, acompanhada a grande instrumental pela orchestra *Aveirense*, consideravelmente augmentada na parte vocal e instrumental, e que executará uma missa nova, e sermão pelo brilhante orador sagrado, o rev. sr. José Maria Castellão, abbade de Santa Eulalia de Besteiros, que tambem pregará de tarde. Um apreciavel tenor de Coimbra cantará uma bonita aria e uma *Ave-Maria*, assim como a musica apresentará novas e formosas symphonias. Com taes e tantos attractivos a festa promette ser explendorosa, conservando assim as suas gloriosas tradicções.

Theatro Aveirense.—A recita dada no domingo pela *Troupe Dramatica Aveirense*, correu muito bem, como era de esperar. São todos rapazes de habilidade, com notavel vocação para o theatro. N'um dos intervallos, o sr. Camillo Vieira, recitou uma poesia, sendo freneticamente applaudido. Por essa occasião, o sr. Duarte Silva, digno ensaiador da *troupe*, offereceu á mesma uma linda corôa. Assistiu a philarmonica *Aveirense*, que tocou com esmero muitos trechos do seu escolhido reportorio.

Aos interessados.—O sr. recebedor da comarca d'Aveiro acaba de enviar-nos o seguinte:

AVISO

O Recebedor da comarca d'Aveiro faz publico, que termina ámanhã o prazo para a cobrança voluntaria das contribuições predial, industrial e decima de juros de 1888.

Aveiro, 29 de janeiro de 1889.

Noticias da Regua.—Em 28.—Na reunião de lravadores, celebrada hontem, a assembleia resolveu que A Liga dos Lavradores do Douro procedesse como melhor entendesse contra a Companhia dos Vinhos do Alto Douro, visto nunca ter dado conta dos seus actos ao Estado. E é para isto e para auferirem grandes lucros do seu commercio, que elles combatem a criação de novas companhias, temendo que ellas a vão affrontar!

Publicações.—Recebemos e agradecemos as seguintes:

—O fasciculo n.º 15 do *Testamento Vermelho*, de Xavier de Montepin.

— O n.º 25 da Bibliotheca Universal Antiga e Moderna, o *Violino Mysterioso*, de Hoffman.

— *Gotas de Chypre*, contos; está publicado o n.º 1 d'esta formosa publicação, que recebemos com prazer. O numero presente, n'um bello volume bem impresso a vermelho e preto, traz apreciaveis contos de Catulle Mendés, esmeradamente traduzidos por o sr. Luiz da Silva. Esta publicação, que sahirá semanalmente, promette publicar os melhores contos dos principaes escriptores do genero, como Armand Silvestre, Theodore de Bauville, Guy de Maupassant, etc., etc.

Os preços d'assignatura são: trimestre 500 reis; semestre 900 reis, avulso 50 reis. Assigna-se na redacção do *Imparcial*, Lisboa, Rua Serpa Pinto, n.º 13.

— *O Açafate de Costura*, publicação quinzenal; está já publicado o n.º 16, que recebemos. E' uma publicação que recommendamos ás nossa leitoras, porque a ellas é dedicada.

— *A Moda Illustrada*.—Este mensageiro das modas parisienses para senhoras e creanças continuará a manter seus antigos creditos, em primeira mão os figurinos de vestuario, modelos de chapéus e penteados e uma grande variedade de desenhos, tudo o que ha de mais elegante e de mais fino gosto, recentemente usado pelo *grand monde* da famosa capital que sempre decretou, e decreta ainda a moda em toda a Europa, em todo o mundo civilisado. O interesse das indicações que sobre a especialidade contém a parte litteraria, bem como as diversas secções de leitura verdadeiramente amena, cuja collaboração é devida a primorosos escriptores dão á *Moda Illustrada* um cunho accentuado de utilidade e de variedade, que a tornam indispensavel a todas as familias. O numero que recebemos corresponde ao dia 15 do mez corrente.

Cada numero consta de 12 paginas, 8 das quaes inteiramente cheias de gravuras, uma folha de figurinos coloridos e outra de moldes, custando apenas 200 reis. Assigna-se na rua da Atalaya, 40 a 52, Lisboa.—No Porto, Praça de D. Pedro, 127, 1.º andar.

Despachos administrativos.—Effectuaram-se os seguintes:

Bacharel José Antonio Forbes de Magalhães, exonerado a seu pedido de administrador do concelho de Bouças.

Antonio Joaquim de Oliveira e Castro, exonerado a seu pedido de administrador substituto do concelho de Bouças.

Antonio Lopes Carneiro, nomeado para o referido logar.

Bacharel Francisco Eduardo Solano de Abreu, nomeado administrador do concelho de Abrantes.

Joaquim Anthero de Oliveira Luso Junior, subdito brasileiro, naturalisado portuguez.

Despachos de correios e telegraphos.—Verificaram-se os seguintes:

Accacio Moraes da Costa, aspirante auxiliar do quadro de correios do Porto, transferido para o quadro de correios de Lisboa.

Alexandre Antonio Pereira da Silva, aspirante auxiliar com exercicio na direcção de Villa Real, transtarido para o quadro de correios do Porto.

Estevão Netto de Almeida, exonerado, a seu pedido, do logar de encarregado da estação de Carrascos, concelho de Torres Novas.

Maria da Piedade Betttencourt, nomeada encarregada da estação de Lagens de Pico, districto da Horta.

Joaquim Antonio de Padua, nomeado distribuidor supranumerario do concelho de Villa Verde.

Antonio Fernandes Gomes, exonerado do logar de distribuidor supranumerario de Lisboa por não poder accumular as funcções d'este cargo com as de servente da direcção geral dos correios, telegraphos e pharoes.

Zacharias Caldeira, idem, idem.

Antonio Isidoro Mayer Guerreiro, aspirante auxiliar do quadro para o serviço de correios e telegraphos fóra de Lisboa e Porto—transferido por conveniencia do serviço, para o quadro de telegraphos da administração dos correios e telegraphos de Lisboa.

A viuva de Frederico III.—Um jornal inglez relata o seguinte facto:

«A imperatriz Frederico visitou ultimamente a exposição dos Stuarts, em Londres. Durante algum tempo permaneceu pensativa diante do quadro que representa a execução de Maria Stuart, em Fotheringay, e depois pronunciou as seguintes palavras:

— Pobre Maria! inteliz rainha! Se eu fosse viva ha dous seculos, teria conservado por menos tempo do que tu a cabeça sobre os hombros.»

E' authentico.

Sua magestade bébé.—Affonso XIII, o pequeno rei de Hespanha, vae fazer tres annos. Celebrando este proximo anniversario, *Mondragon*, o correspondente do *Figaro* em Madrid consagra á personalidade de *sua megestade bébé*, como elle lhe chama, algumas linhas encantadoras.

Sua magestade é uma lindissima creança, alegre e jovial como uma ave. Os cabellos loiros, sedosos e longos, caem-lhe aos anneis pelos hombros; o olhar é d'uma meiguice extraordinaria. Quando accorda todo elle ri e o seu gentil *minois* de creança illumina-se ao ver, debruçado sobre o berço, o rosto moreno de Raymunda, a ama, que o adora e que elle acolhe sempre com alvoroço. Esse soberano de tres annos a quem o Papa chama o «seu filho bem amado», a quem os imperadores e os reis da Europa chamam «meu irmão», a quem os grandes de Hespanha teem o direito de chamar «meu primo» e a quem Raymunda se permitte ás vezes chamar «o petiz», tem uma casa militar e civil. Os celebres *monteros* d'Espinosa velam-n'o durante o somno, n'um quarto ao lado do seu. Logo de manhã, confiam-n'o a creadas que o lavam, o vestem e o restituem assim fresco e pomposo á ama real, que nada mais faz do que dar-lhe o seio, passeial-o e leval-o ao collo ás cerimonias officiaes.

Finda a *toilette*, sua magestade bébé passa aos aposentos da rainha e assiste por vezes ás visitas matinaes dos ministros e dos membros da familia real.

A's vezes, durante estas recepções, bate furiosamente com as mãos sobre as mezas e está sempre inquieto, porque sua magestade é extremamente nervoso.

«Por vezes, a mamã e a ama disputam-n'o, escreve *Mondragon*,—Raymunda tem por elle uma ternura extraordinaria e quando sua magestade chora quer leval-o comsigo immediatamente. Um dia, a marqueza de Augerbe foi testemunha d'uma d'estas scenas.

A rainha queria mostrar o filho á marqueza e como ambas se dirigissem para a porta da alcôva de Affonso XIII, Raymunda interpoz-se familiarmente:

— Não se póde entrar. Dorme!

A rainha e a marqueza retiraram-se sorrindo e Maria Christina disse:

— Que quer? A monarchia está nas mãos d'esta aldeã.»

Baleia monstro. — Em Copenhague está exposta uma baleia que foi caçada perto da ilha de Fionia. Este monstro marinho tem 22 metros de comprimento e pesa 35:000 kilogrammas. A baleia vae ser partida: a gordura e o oleo serão postos á venda. O esqueleto é destinado á universidade de Copenhague.

Meeting. — N'um dos ultimos dias, realisou-se em Valencia um *meeting* anarchista, ao qual assistiram cêrca de 2:000 pessoas; proferiram-se muitos discursos contra a monarchia e a ordem social. Um orador pediu a partilha de bens. Um outro aconselhou os operarios a que saqueassem os armazens e se servissem da dynamite. Em consequencia de taes manifestações, o delegado do governo interveio e dissolveu-se a reunião. Os anarchistas protestaram.

Seguiu-se nma enorme confusão. Ouviram-se gritos de: *Viva a anarchia; morra a burguezia.* Os agentes de policia mandaram evacuar a sala. Um dos manifestantes foi ferido com um tiro de rewolver. A multidão percorreu as ruas dirigindo-se para a prefeitura, onde o governador mandou dispersar os grupos. Restabeleceu-se a ordem.

Um caso curioso.—Em uma povoação da provincia de Castellon, Hespanha, apresentaram-se quatro trabalhadores, em casa d'um proprietario, a quem pediram cinco pesetas emprestadas cada um, por não terem trabalho, nem que dar aos filhos. O proprietario respondeu-lhes que se não tinham que fossem roubar. No dia seguinte os quatro homens voltaram a renovar o seu pedido e receberam a mesma resposta. Então atiraram-se todos quatro a elle, subjugaram-n'o, e apoderaram-se de 50 duros que o proprietario tinha em cima da sua mesa de trabalho. Depois, foram immediatamente a casa do cura, a quem entregaram 46 duros, para que os restituisse ao dono, ficando elles apenas com os quatro que tinham pedido emprestados.

O fumo como medida hygienica.—No senado dos Estados Unidos foi ha tempo approvada uma proposta auctorisando o governo a conceder o premio de 200:000$ a quem descobrisse um remedio para a febre amarella. Ora esse premio parece que tocará a um medico de nome John Forrier, que durante a ultima epidemia que assolou a Florida observou que todas as pessoas victimadas se não davam ao vicio de fumar, e por isso aconselhou o uso geral do tabaco de fumo, como preservativo contra aquella enfermidade. Nos Estados Unidos toda a gente agora fuma e aguardam-se os resultados d'esta medida.

Para ver.—O astronomo D. Mariano Herrera annuncia tempestades e grandes temporaes nas costas de Inglaterra e da França desde o dia 28 do corrente até 1 de fevereiro, que alcançarão a peninsula iberica no dia 2 do proximo mez. Por cá não apparece signal de tempestade por emquanto.

O DECORO DO PODER

Em nome de um extranho principio, que nenhuma lei auctorisa e que repugna ás noções mais elementares da educação constitucional, dirigiu-se no dia 20 a Lisboa uma Commissão de individuos, que se dizem delegados do commercio do Porto, para intimar ao governo a revogação do decreto da sellagem dos tecidos e o que concedeu constituição legal á Companhia Vinicola do Norte. Este grupo apresentou a El-Rei uma representação, energica de mais e respeitosa de menos, procurando collocar o governo entre o submetter-se ou demittir-se da celebrada lenda da politica franceza.

Quando soubemos que o leitor d'esse triste documento fôra o sr. Andressen Junior, sentimos a natural repulsão de portuguezes francos e leaes, que não toleram nem supportam a intervensão de estrangeiros nos negocios do paiz, e que mais d'uma vez têm protestado, com a justa indignação do patriotismo, contra um abuso tão flagrante de todas as regras da hospitalidade. Mais d'uma vez, sim, porque não queremos ver humilhadas as tradicções da nossa bandeira, nem o prestigio da auctoridade e do poder, que com o nosso voto legalmente constituimos.

Porque não admittimos transigencias com um elemento, que é completamente estranho ao exercicio dos nossos direitos politicos, e não queremos ver intrometter-se nas questões da administração interna esse bando absorvente e ambicioso, que sopra a desordem na rua e tem a audacia de intimar e comminar o governo para ceder às suas especulações e aos seus desmandos.

O governo não quer ceder. O governo não póde, não deve ceder. Se a commissão do Porto entendia que a lei do sr. Hintze Ribeiro, que tornou obrigatoria a sellagem, é attentatoria dos interesses do commercio licito, porque não representou ao governo pela forma por que toda a gente se lhe dirige, com o respeito que se deve aos poderes publicos e com a cortezia usada entre homens medianamente educados?

Porque não se manteve na linha neutra do interesse puramente commercial? Porque se alliou aos oradores incontinentes, que fazem das zorras do caminho de ferro tribunas de discursadores incendiarios?

Comprehende-se. Porque não foi o commercio que se dirigiu ao governo; foi a politica intransigente, facciosa, desordenada, que inventou e animou o movimento para pôr em cheque o prestigio da auctoridade. Foi a incontinencia das facções que se serviu do commercio, como instrumento de paixões ruins, para desacatar o principio sacratissimo da lei, e desauctorar o poder executivo. Foi essa politica miseravel, odienta, esterilisadora, que faz obstrucionismo nas camaras e promove tumultos na praça publica. Foi essa explosão de resentimentos e de rancores, que evolucionou o grupo dos descontentes e tentou alarmar a opinião.

Ora, se foi a politica, responda-lhe o governo com a força descripcionaria de que o investiram todos os homens de consciencia honesta. A' anarchia dos espiritos obsecados pela paixão, opponha o conselho previdente e as indicações ordeiras e pacificas.

A' desordem na rua responda-lhe com a providencia energica e legal, que serve de garantia á ordem publica e de salvaguarda á inviolabilidade dos homens serios.

Proceda o governo com prudencia, mas com firmeza, porque o grupo dos agitadores não representa o povo, porque o povo, que trabalha, quer ver mantida, em toda a sua plenitude, a ordem e a segurança publica.

O governo tem hoje mais força, mais prestigio, mais auctoridade do que nunca. Todos os que amam a liberdade e respeitam a independencia do poder, estão ao seu lado n'esta conjunctura. E esses tres elementos, indispensaveis a quem governa, provém exclusivamente da sua austeridade inquebrantavel e da consagração de justiça, que a opinião publica tem feito aos seus meritos e á moralidade da sua administração.

Pois use d'elles o governo, no interesse da collectividade, e continuará a ter a seu lado a parte mais valiosa e mais lidima do paiz.

A SERPIA

E' do nosso collega do *Diario Popular* o artigo que segue:

De varios telegrammas do Porto tiramos a noticia, de que o sr. Serpa Pimentel, chefe da serpia, enviou um telegramma á associação commercial do Porto, declarando-lhe que, se fôr chamado ao poder, revogará o decreto da sellagem e annulará o contracto da companhia vinicola do norte.

Não se sabe o que haja mais de admirar n'este famoso telegramma. Lê-se e não se acredita.

Em primeiro logar é uma burla grosseira. Supponha-se, com effeito, um contracto realisado entre o governo e a companhia vinicola do norte, ou outra qualquer. Feito o contrato, que liga duas partes contractantes, não pódem revogal-o nem o poder executivo, nem o poder legislativo, nem poder nenhum, se ambas as partes contractantes não resolverem annulal-o. Se a companhia vinicola do norte não quizer annular o contracto, nem o sr. Serpa nem pessoa ou poder nenhum, tem a faculdade de o annular. Portanto n'esta parte a promessa do sr. Serpa Pimentel não passa de burla e burla transparente, que nem aos mais ingenuos póde enganar.

Além d'isso o sr. Serpa Pimentel já não possue o condão de enganar ninguem. Quem não se lembra das promessas solemnes por elle feitas aos industriaes de chapellaria do Porto promettendo-lhes que defenderia os seus interesses no tratado do commercio com a França? Quem não se lembra de que o sr. Serpa traiçoeiramente esqueceu todas as suas promessas, entregou a industria do chapellaria de mãos atadas á concorrencia estrangeira, reduziu aquella florescente industria á crise com que hoje lucta e levianamente atirou á miseria os centenares de operarios a que ella dava trabalho? Muito curta será a memoria de quem não se lembre de tão recentes factos a demonstrarem a falta de seriedade do sr. Serpa. Prometteu então o que era possivel e faltou redondamente. Que fará agora promettendo o impossivel?

Na sellagem é a mesma coisa. Supponhamos modificado o regulamento da sellagem, conforme o governo sempre declarou que faria; supponhamol-a estabelecida e a pratica demonstrar, que ella facilita as operações commerciaes, protege a industria do paiz e defende os interesses fiscaes. Supponhamos que, no momento fatidico do sr. Serpa subir ao poder, ella não apresenta difficuldades nem levanta reclamações. Como ha de o sr. Serpa revogal-a? Para que a revogaria? A sua promessa não passa de burla, e demais a mais essa promessa é a negação do que fizeram Fontes em 1882 e o sr. Hintze Ribeiro em 1884 e 1885.

Mas tudo isto é lado menor da questão. A feição importante d'ella é a degredação moral d'um chefe de partido que apresenta memoriaes á associação commercial do Porto para que ella o faço ministro, e implicitamente a incita a que pratique mais desatinos para lhe dar a pasta. O chefe da serpia não appella para as forças do seu partido, para o seu prestigio no parlamento e no paiz, para a grandeza dos principios que defende, para a sua eloquencia parlamentar, para a habilidade da sua tactica politica nas camaras e fóra d'ellas. Nada, o chefe da serpia mette memoriaes para a associação commercial do Porto a pedir-lhe pasta em troca de promessas mentirosas. Que diria Fontes, se podesse voltar a este mundo, e visse a ignominia a que um chefe fraco e inepto reduz o que foi seu partido. O illustre chefe da regeneração não era pouco ambicioso do mando, nem isto é censura. Mas nunca recorreria em caso nenhum aos meios rediculos de que lança mão o seu pretenso successor. Trabalhava, lidava, luctava ou para manter-se no poder, ou para conquistal-o. Mas não usaria em caso nenhum de expedientes, que a condemna e que o senso repelle.

Tudo é, porém, conforme. O chefe mendiga pastas por associações commerciaes; os soldados apenas sabem fazer tumultos parlamentares. E cada vez á força de incapacidade se affastam mais de conquistar suspirado mando.

A QUESTÃO DO PORTO

E' do nosso illustrado collega do *Conimbricense*, que não póde ser tido por affecto á actual situação politica, o seguinte artigo:

Por varios motivos sympathisámos com a cidade do Porto; mas principalmente pela sua pronunciada dedicação ao trabalho e por ser alli que se praticaram em 1820, 1828, e 1832 a 1834 os mais illustres feitos a favor da causa da liberdade. Essa sympathia não póde, porém, ir até ao ponto de approvarmos todos os actos de parte de seus habitantes, como agora aconteceu no procedimento de muitos dos commerciantes da mesma cidade, com respeito á sellagem dos tecidos. Pareceria incrivel, se se não visse realisado, o que ultimamente se praticou em aquella cidade, a ponto de todas as pessoas desapaixonadas e sensatas reprovarem severamente taes desatinos.

Queixam-se nas suas reuniões os commerciantes do Porto contra a fiscalisação por meio da sellagem; reclamam a revogação do respectivo decreto; recusa-se a isso o ministro da fazenda, mas admitte que uma commissão dos mesmos commerciantes vá a Lisboa conferenciar com elle ministro, ácerca das modificações que rasoavelmente se possam fazer no respectivo regulamento. E isto que pelo menos deveria diminuir a irritação dos commerciantes, mais os exalta.

Com geral assombro declaram em plena assembleia que os commerciantes do Porto não são menos do que o ministro da fazenda; e portanto se este quer conferenciar que vá ao Porto!

Dirigem o odioso comminatorio ao governo de revogar, dentro do prazo improrogavel de 8 dias, o decreto da sellagem; e resolvem, como acto de resistencia, fechar as lojas do commercio. Além d'isso alliando-se os commerciantes de tecidos com os exportadores de vinhos, fecham estes os armazens de Villa Nova de Gaya, e despedem os numerosos trabalhadores n'elles empregados.

N'uma das reuniões dos commerciantes chega o desvario a ponto de haver quem proponha que se remetta a el-rei o coração de D. Pedro, que está na egreja da Lapa, visto já não servir para nada no Porto!

Tem-se dito e praticado grandes desatinos n'este paiz; mas como este nunca presenciámos, nem d'elle temos noticia.

Então porque o Porto mereceu do illustre libertador da patria, o deixar-lhe o honrosissimo legado do seu coração, ha de julgar-se no direito de lhe serem concedidos todos os privilegios e feitos todos os favores; e logo que lhe recusem qualquer d'elles ha de ameaçar el-rei de lhe mandar, como acto de desforra e desprezo, o coração do rei-soldado, duque de Bragança, que se hoje vivesse, talvez, em vista de tão grande affronta, se arrependesse do seu legado?!

Fallam em liberdade de commercio. Que entendem, porém, por liberdade de commercio? Querem a entrada franca n'este paiz de todas as manufacturas extrangeiras? E as industrias portuguezas onde ficavam? Que havia de ser de tantos industriaes e dos numerosissimos operarios que trabalham em as nossas fabricas?

De modo que, emquanto as nações estrangeiras procuram proteger as suas industrias, querem os commerciantes do Porto arruinar as nossas, só porque assim convem aos seus interesses!

Não pretendemos com isto que os direitos protectores sejam exaggerados; mas julgâmos que as nossas industrias não podem prescindir de direitos protectores, na proporção do seu progresso, e tendo em vista o correspondente procedimento das nações estrangeiras.

Além d'isso, com a illimitada liberdade de commercio, onde se havia de ir buscar o avultadissimo rendimento das alfandegas, uma das principaes verbas da receita do estado?

Seria ás industrias, quando ellas, por esse facto, acabavam quasi de todo? Seria á agricultura, já tão sobrecarregada de tributos?

Seja como fôr, temos os direitos pautaes, e em quanto elles não forem extinctos precisa-se de os fazer cobrar.

As industrias portuguezas estão sendo gravemente prejudicadas com o contrabando. Chega a astucia dos fabricantes estrangeiros a imitarem com a maior perfeição os productos de diversas fabricas portuguezas, para facilmente fazerem passar o seu contrabando n'este paiz.

Ou se ha de prohibir o contrabando, ou as fabricas tem de cessar a sua laboração, ficando os operarios a morrer de fome.

Estude-se o melhor methodo de proceder á fiscalisação, de maneira que ella seja efficaz, mas ao mesmo tempo sem os desnecessarios vexames ao commercio.

Havendo prudencia e boa vontade tudo se pode harmonisar. As ameaças produzem em regra o effeito contrario do que se pretende.

Por muito respeitavel, numeroso e importante que seja o commercio do Porto, não se podem, nem devem fazer a seu respeito excepções odiosas.

A lei é, ou pelo menos *deve ser* egual para todos, quer premeie, quer castigue.

É isto que estabelece a Carta Constitucional, que os heroicos defensores do Porto ajudaram a estabelecer n'este paiz—aquella Carta, outhorgada por D. Pedro, que legou o seu coração ao Porto, para agora ser motivo de epigrammas revoltantes!

Grande numero de commerciantes do Porto fecharam as portas dos seus estabelecimentos. Isto podia ser muito e comtudo é quasi nada.

Todos estão no seu pleno direito de terem os estabelecimentos fechados, ou abertos.

Se os deputados da opposição tomassem o expediente de abandonar collectivamente a sua respectiva camara, de pouco valia esse acto, se atraz dos mesmos deputados não estivesse o paiz, e se este não se achasse resolvido a lançar-se no campo das revoluções armadas.

A resolução do fechamento das portas dos commerciantes, ainda tem menos alcance, dadas as mesmas condições.

O povo, estejam certos, não está resolvido a entrar em revoluções para sustentar caprichos.

Allega-se a adherencia dos negociantes de algumas povoações do norte. Sabe-se, porém, como isso se arranja. Além de que o povo, na sua generalidade, é inteiramente estranho a esses factos.

Quando os operarios se queixam e reclamam acham-se sós. Não ha, portanto, que estranhar que estes agora cruzem os braços no actual conflicto, que aliás tende a prejudicar gravemente as nossas industrias.

*

As irregularidades que tenha havido por parte dos commerciantes do Porto podem, ainda assim, ter taes ou quaes attenuantes.

Esse procedimento pode-se explicar pelas paixões pessoaes e pelo espirito de classe.

Qual é, porém, o motivo por que a politica vem exacerbar esta questão, procurando dar-lhe uma feição de intolerancia partidaria?

É o amor do bem publico? É o conhecimento da justiça dos queixosos? É a consciencia de que se subissem ao poder os chefes d'essa politica, os seus actos haviam de ser taes que o povo não tivesse motivo de queixa?

Nada d'isso. A politica, mas politica facciosa, tem intervindo n'esta pendencia, unica e exclusivamente para a explorar em beneficio da sua avidez de mando.

É d'ahi que vem as diligencias empregadas para irritar os animos, influindo para que se não chegue a um accordo.

E os commerciantes do Porto não veem que estão sendo instrumentos de especuladores politicos, que só tratam de satisfazer as suas ambições!

Terão ensejo de se desenganarem esses commerciantes; e verão se somos nós que lhes fallâmos a verdade, com a nossa costumada isenção, e desprendidos de todas as ligações partidarias, ou se são aquelles que andam a excitar as suas paixões, para que uma seria reflexão os não leve a voltar á tranquillidade com que todos utilisam, menos os especuladores politicos.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

CARTA DE LISBOA

28 DE JANEIRO DE 1889.

O sr. ministro da fazenda officiou ás associações commerciaes de Lisboa e Porto, convidando cada uma d'ellas a nomear dois delegados que façam parte da commissão que ha-de ser encarregada de formular o novo regulamento da sellagem. A associação do Porto respondeu já; coherente com as suas resoluções, recusou fazer-se representar na commissão, por isso que nem em principio acceita o sello fiscal. Emquanto á de Lisboa, não sabemos o que fez ou fará; mas tendo pedido como pediu, a revogação do regulamento actual e a suspensão da sellagam facultativa, e não estando estes pedidos satisfeitos, é possivel que não queira encobrir a sua responsabilidade na elaboração de um regulamento futuro, e mantenha rigorosamente a attitude em que se collocou por voto da sua assembleia geral.

— De boa fonte sei que no dia de quarta-feira passada deram entrada na Sé os ultimos objectos dos que faltavam na thesouraria a cargo do thesoureiro menor. Consta-me que esses objectos são duas jarras de prata lavrada e algumas bandeijas de prata doirada, tambem com lavrados. Todos estes objectos teem em relevo a inicial S. A proposito, diremos que o thesoureiro menor nunca esteve suspenso, e que o sr. patriarcha não chegou a officiar pedindo a intervenção da policia. Faltam, porém, ainda, uns pannos de Arraz, rendas de subido valor, etc. Consta-me que estes objectos estavam sob a vigilancia de outro individuo.

— No asylo da misericordia ha uma lavandeira para serviço do estabelecimento, mas independente da mesma direcção. As mulheres ali empregadas entram e saem quando muito bem lhes parece, não tendo que dar contas a pessoa alguma. No entanto, a maior parte d'ellas, por economia, dormiam mesmo lá, não tendo outra casa. As lavandeiras estão sob a direcção de uma capataz, de nome Carolina Engracia. Havia tempos que tanto esta como as demais mulheres notavam que uma companheira, a Leonor Guilhermina, apresentava indicios de gravidez. A rapariga, porém, nada dizia sobre o assumpto, fugindo sempre com rodeios e graçolas ás perguntas que n'aquelle sentido lhe eram feitas. A Leonor Guilhermina, tem 19 annos, é de Pinteus; baixa, robusta, olhos e cabello negro, rosto redondo. Dormia na misericordia como a maior parte das companheiras. Cerca das 10 horas da noite de quarta para quinta-feira, a Leonor Guilhermina levantou-se da cama, muito afflicta. A companheira que dormia na cama proxima, perguntou-lhe o que tinha e aonde ia. Respondeu-lhe a Leonor que tinha falta de ar e que ia dar um passeio pela cerca. A companheira acreditou e pegou novamente no somno. No dia seguinte, as lavandeiras, começando pela capataz, notaram que a Leonor já não apresentava indicios de gravidez e que a physionomia estava transtornada, como se na saude da rapariga tivesse havido grande abalo. Descofiando-se que ella tivesse dado á luz e tendo apparecido certas peças de roupa em tal estado que reforçava a suspeita, ante-hontem pela manhã a capataz Carolina Engracia chamou a rapariga e d'ella exigia completa confissão, A rapariga titubeou e não deu resposta decisiva. A Carolina Engracia participou o caso á direcção da Misericordia, que officiou ao sr. commissario da 1.ª divisão. No entretanto a Leonor Guilhermina sahira do edificio, não se sabendo ao certo para onde fôra.

Quando o sr. commissario recebeu o officio, eram 3 horas e meia da tarde. Mandou chamar immediatamente a capataz, que, depois de muito rogada e não podendo fugir a denunciar a companheira, declarou que a Leonor Guilhermina namorava havia muito tempo o soldado Antonio dos Santos, n.º 104 da 3.ª companhia da guarda municipal, que costumava andar com elle pela rua, nas horas de folga, e que seria de crer que ella estivesse n'aquelle momento no quartel dos Paulistas, onde o soldado faz serviço. O cabo Jacob dirigiu-se immediatamente para ali, acompanhado pela Carolina Engracia. Ao chegarem, porém, á praça de Camões, a capataz apontou para uma rapariguinha que estava sosinha sentada em um banco, designando-a ao cabo Jacob como sendo a Leonor Guilhermina. Conduzida immediatamente ao commissariado, a rapariga confessou o seguinte: Na noite de quarta-feira sentira as dôres da maternidade e, no intuito de occultar o seu erro, levantou-se da cama, sob o pretexto que deu á companheira e retirou-se para uma casa contigua onde se arrecada s roupa. Foi ahi que deu á luz. A creança era do sexo masculino e nasceu viva. Depois, *no intuito de esconder o sua vergonha*—phrase da Leonor Guilhermina—agarrou na creança, dirigiu-se para a cêrca, abriu com as proprias mãos uma cova e n'ella enterrou, vivo, o fructo dos seus amores. Voltou de novo para a cama e poude dormir. Confessou tambem que era o Antonio dos Santos o pae da creança, e que elle ignorava o crime praticado. Quando a encontraram na praça de Camões estava ella pensando na fórma como lhe contaria o succedido. A Leonor Guilhermina confessou tudo isto chorando immenso e tremendo tanto que o sr. commissario, ao tomar-lhe o pulso, reconheceu que a desgraçada ardia em febre. Mandou-a recolher immediatamente ao hospital de S. José. A Leonor Guilhermina, depois do parto, nada fizera em proveito da sua saude. Dizem até que fôra lavar roupa. O crime foi horrendo, deshumano, inacreditavel e só se póde attribuir a inepcia, a estupidez, a certa inconsciencia bestial que existe em muitos espiritos inferiores. Os precedentes de Leonor Guilhermina eram bons. Egualmente era boa a fama de que a rapariga gosava entre as companheiras.

O cadaver da creancinha foi encontrado. Estava muito á superficie da terra. Apezar de me constar ter-se officiado ante-hontem ao juiz ordinario do julgado de S. José e elle ter recebido o officio em mão propria á noitinha, o auto de corpo de delicto ainda não foi levantado. Dizem-me que se procederá a elle ámanhã, ás 10 horas. A policia está convencida de que Leonor Guilhermina não teve cumplices e de que o amante ignorava tudo.

— Foi espantosa, na terça-feira 22, a concorrencia que affluiu ao Jardim Zoologico, a fim de observar o notavel phenomeno *Mirra*—a mulher com cabeça de macaco. Foram seis mil pessoas que ali entraram, com o fim de admirar aquelle phenomeno, que de facto é digno de ver-se pela sua originalidade. Até hoje, ainda não veio a esta capital, mulher alguma, que se possa comparar com *Mirra*, visto que esta, tem o corpo completamente branco, como o de qualquer mulher europeia, apresentando a cabeça muito desenvolvida, e totalmente coberta de longos pellos castanhos, que lhe cobrem todo o rosto, inclusivamente as palpebras. *Mirra* apresenta-se de setim escarlate, com varios enfeites e vem decotada. De dez em dez minutos, uma enorme multidão agglomerava-se em frente do palco onde *Mirra* se apresenta ao publico, (e que fica no grande pinhal, por detraz do restaurante) e apparecia então *Mirra*, a qual, depois de apresentada, descia do palco e ia passar entre o publico, para que todos podessem ver de perto e observar bem aquelle phenomeno, cuja raridade é indiscutivel. Durante esta semana continúa *Mirra* em exposição, das 11 da manhã ás 5 da tarde, e no domingo deve ser a concorrencia muito superior, em vista da curiosidade e interesse, que este phenomeno tem despertado na capital. As companhias Rippert e Carris de Ferro têem um grande numero de carros, unica e exclusivamente destinados para o transporte de passageiros ao Jardim Zoologico.

— Já começou a construir-se em Paris o pavilhão para os productos portuguezes na exposição. Os trabalhos têem sido dirigidos pela Associação Industrial, a quem o governo subsidiou. Em março devem ser enviados os productos destinados a serem expostos, sendo aproveitados bastantes da exposição industrial e dos museus de Lisboa, Porto e colonias. O sr. Silva, conservador do museu industrial de Lisboa, já partiu para Paris, para onde deve tambem seguir brevemente o sr. visconde de Melicio, commissario geral.

— Pelos empregados do corpo de policia fiscal foram effectuadas na semana finda 59 apprehensões de generos descaminhados aos direitos no valor de 8:869$272 reis. Os generos apprehendidos foram 78:670 litros de vinho, 2:000 de vinagre, 1:535 de aguardente, 15 kilos de arroz, 199 de carne, 7:055 de tabaco, 4 de polvora, 3:633 litros de bebidas alcoolicas, tecidos e quinquilherias. As apprehensões realisaram-se nos concelhos de S. Thiago de Cacem, Sabugal, Obidos, Povoa de Varzim, Melgaço, Ilhavo, Guimarães, Almeida, Cantanhede, Guarda, Loures, Marco de Canavezes, Pinhel, S. Pedro do Sul, Vouzella, Covilhã, Montalegre, Vizeu, Rezende, Armamar, Vimioso, Albergaria, Santarem, Celorico de Basto, Almada, Torres Vedras, Villa Nova de Ourem, Aveiro, Villa Flor, Ceia, Cartaxo e Trancoso.

— Emquanto os meninos do lyceu de Lisboa apupam os seus professores, os estudantes do lyceu do Porto tornam-se dignos pelo acto que praticaram ha dias. O professor d'aquelle lyceu, sr. dr. Almeida Pinto, um velho respeitavel, esteve enfermo uma temporada. Ha dias reappareceu na aula que lecciona, e todos os estudantes, sem distincção, lhe fizeram uma manifestação espontanea e enthusiastica. Estenderam-lhe as capas no chão á sua passagem. Contrasta isto singularmente com o que succede em Lisboa.

— Deu-se na madrugada de 27 uma occorrencia na linha ferrea do norte e que poderia ter tido gravissimas consequencias. Cerca das 3 horas e meia os comboyos n.º 8, que vinha do Porto e n.º 17, que para ali seguia, vindo da linha de leste, encontravam-se violentamente. O comboyo n.º 8 sahira de Payalvo e o n.º 17, do Entroncamento; foi entre estas duas estações que se deu a occorrencia, proximo do logar de Lamarange, kilometro 117, marco metrico 800. Os dois comboyos vinham animados de bastante velocidade. O machinista do comboyo n.º 8, vendo o perigo imminente, travou com toda a rapidez o comboyo. A isso se deve não ter sido maior a desgraça. Attribue-se a culpa ao machinista do comboyo n.º 17, porque sahiu do Entroncamento antes do signal da estação e do aviso do conductor. Não houve mortes; no entretanto, é grande o numero de feridos. O machinista do comboyo n.º 8 foi arremeçado para sobre o *tender*, ferindo muitissimo o rosto e as mãos nas pedras de carvão. O conductor Verissimo, do mesmo comboyo, ficou com um braço partido. Bastantes passageiros ficaram com ferimentos; entre aquelles, uma senhora que vinha do Porto, afim de embarcar para o Rio de Janeiro, e que ficou muito ferida no olho esquerdo. Todos os ferimentos foram tratados na ambulancia do comboyo. Prestaram grande serviço o fiscal do governo, Torres, os revisores, Mattos e Silvestre da Silva e o policia n.º 169 da 1.ª divisão, que vinha do Porto, em serviço. O material ficou totalmente destruido e, portanto, a linha impedida. Hora e meia depois, appareceram dois comboyos para trasbordo: um vindo do Entroncamento que depois seguiu para Lisboa; outro vindo de Pombal, que seguiu para o Porto. Por este motivo, os passageiros que deviam chegar a Lisboa ás 6 horas e meia da manhã, só chegaram ao meio dia. E' de crer que a companhia dos caminhos de ferro vá indagar minuciosamente a quem cabe a responsabilidade do sinistro. Ainda ha pouco tempo se deu uma occorrencia semelhante á de ante-hontem, embora menos grave. E' necessario que não se repitam estes casos. Applique-se todo o rigor da lei a quem lhes dá origem, afim de que sirva de exemplo. O publico não póde estar á marcê do desleixo ou inauria dos srs. machinistas. E' urgente que se trate do assumpto, mas a sério e a tempo.

— O governo assignou um contracto com a Companhia British-India, para o estabelecimento de carreiras regulares de vapores entre Tungue e Moçambique. Este serviço tem uma altissima importancia commercial. O primeiro paquete tocará no Tungue em fevereiro proximo.

— Hontem á tarde, um servente do arsenal de marinha, passando pelo largo do Pelourinho, viu que a porta da receita eventual estava aberta. Avisada a policia, mandou-se logo procurar o servente da repartição, Manuel Pereira, e o recebedor sr. Manuel Osorio Freire Bastos. Interrogado o Pereira, affirmou que a porta ficou perfeitamente fechada no sabbado. Empurrou-a umas poucas de vezes e entregou as chaves ao sr. recebedor, que tambem verificou. O servente contou mais que ha cerca de dois mezes, indo uma manhã abrir a porta, não o pôde fazer e que, chamando um serralheiro, tambem este não conseguiu abril-a, sendo afinal necessario arrombal-a. Tirou-se a fechadara, que o serralheiro examinou, declarando então que ella apresentava vestigios evidentes de ter sido forçada. Estas declarações, de que o roubo praticado hontem já fôra tentado anteriormente, leva a crêr que houve longa premeditação.

Eram sete horas, compareceram na receita eventual o chefe da repartição, sr. João Joaquim Ramos e Mello, o recebedor, o commissario da 2.ª divisão e alguns policias. O unico vestigio evidente da passagem dos ladrões era um pedaço arruinado da parede que diz para a recebedoria do bairro

central, contigua, e que em tempo communicava com aquella repartição. Tentara-se abrir um buraco n'essa parede, mas a tarefa era certamente difficil, porque não a continuaram, limitando-se a esboroar uma parte da caliça. Ao lado da parede encontraram-se um pé de cabra, um cabo de serrote e um pau pequeno. Uma gaveta d'uma das secretarias estava aberta. Ahi deu-se pela falta de uns 14$000 reis, pertencentes a um empregado, e d'um pequeno cofre de pinho onde havia uma caixa de folha de Flandres contendo a quantia de 724$000 réis. A caixa, vasia, foi encontrada no gabinete contiguo á sala da repartição. Tal é o roubo. Averiguou-se que não houvera arrombamento.

Esta manhã foram chamados ao commissariado alguns serralheiros, que declararam que a fechadura só podia ser aberta com a propria chave, ou como uma feita de proposito. A's 2 horas da tarde procedeu-se a balanço, apurando-se que o valor real do furto é de 803$135 réis.

— Vão ser adoptadas sinetas de alarme no caminho de ferro de cintura.

— O sr. João Polycarpo Freire de Campos, vice-intendente da pecuaria da 8.ª região, foi nomeado professor technico da caudelaria nacional do norte. Y.

SESSÕES PARLAMENTARES

CAMARA DOS PARES

Sessão de 25 de janeiro

Presidencia do sr. Barros e Sá. Secretarios os srs. Montufar Barreiros e Ressano Garcia.

Abertura da sessão á 1 hora da t.

Acta approvada.

Prestou juramento e tomou assento o novo par vitalicio sr. general José Paulino de Sá Carneiro.

O sr. Souza Pinto pediu que fosse dado para a ordem do dia o projecto de lei relativo á Sociedade da Cruz Vermelha.

O sr. Vaz Preto referiu-se ao conflicto que os jornaes dizem ter havido terras do Bouro.

O sr. ministro da fazenda disse que avisaria o sr. presidente do conselho afim d'este dar explicações á camara.

ORDEM DO DIA

Incidente sobre a sellagem

O sr. Thomaz Ribeiro tratou largamente da questão, accusando o procedimento do governo.

Censurou a camara municipal do Porto por não ter annuido ao pedido dos commerciantes do Porto para que ella remettesse a el-rei a sua representação contra a Companhia Vinicola do Norte e a lei da sellagem.

Terminou por apresentar uma moção dizendo: «que a camara, affirmando o seu respeito ao principio de auctoridade, convida o governo a revogar o decreto da sellagem.»

O sr. visconde de Moreira de Rei fez diversas considerações economicas sobre os discursos pronunciados durante o incidente pelos srs. Serpa Pimentel e ministro da fazenda, dizendo que a seu vêr a agitação no Porto não era de toda a cidade mas apenas de uma classe.

No fim da sessão, o sr. ministro da fazenda deu algumas informações sobre o conflicto occorrido nas terras do Bouro, por causa da arborisação do Gerez, dizendo que o governador civil respectivo sindicaria sobre esses factos.

O sr. Vaz Preto declarou esperar que o governo désse mais amplas explicações sobre o conflicto.

O sr. conde de Castro apresentou a carta regia elevando ao pariato o deputado sr. Rodrigues de Carvalho.

—

CAMARA DOS DEPUTADOS

Sessão de 25 de janeiro

Presidencia do sr. Francisco de Barros Coelho de Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral. Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde.

O sr. João Pinto dos Santos estranhou que a força armada tivesse entrado nos corredores da camara na sessão de quarta-feira ultima.

O sr. presidente declarou que não fôra por ordem da mesa que esse facto se déra e que trataria de indagar.

O sr. João Pinto insistiu na necessidade de se syndicar sobre quem déra ordem para a força se postar nos corredores da camara.

O sr. presidente accrescentou constar-lhe que a força subira aos corredores já depois de encerrada a sessão.

O sr. Serpa Pinto contestou este boato dizendo que, tendo sahido da sala antes de se encerrar a sessão, encontrára á porta um alferes que lhe perguntára onde estava o governo.

Pediu explicações ao governo sobre o assumpto.

O sr. presidente do conselho declarou que o governo não mandára chamar força alguma.

O sr. Eduardo Coelho também declarou que nenhum deputado da maioria fora chamar a força.

O sr. Ruivo Godinho pediu a remessa de documentos relativos ao processo do porto de Lisboa, desejando saber se as palavras proferidas pelo sr. presidente do conselho relativas a syndicatos se referiam ao partido que elle representava.

O sr. presidente declarou que não fizera referencias pessoaes, mas que os syndicatos eram de todos os tempos e que já os tinha havido na situação regeneradora.

O sr. Frederico Arouca pediu ao sr. presidente do conselho que dissésse quaes os regeneradores que tinham enriquecido com os syndicatos.

O sr. Consiglieri Pedroso annuncia uma interpellação relativa á expulsão das irmãs da caridade do hospital de Aveiro.

O sr. Jacintho Candido prestou homenagem á memoria do conde da Praia da Victoria.

O sr. presidente do concelho associou-se por parte do governo ás palavras do orador.

ORDEM DO DIA

Incidente sobre a sellagem

O sr. Manuel da Assumpção disse que estava arrependido das palavras que proferiu na sessão de quarta-feira, com quanto os actuaes ministros outr'ora as dissessem e assegurassem.

Censurou os actos do ministerio com varios argumentos.

Levantou-se incidente sobre a admissão da questão prévia apresentada pelo sr. Manuel da Assumpção, sendo afinal admittida.

O sr. ministro da justiça disse que, como ministro, tem que responder a todos e a todas as perguntas, mas, como deputado, só falla quando quer.

Disse que o sr. Eduardo de Abreu elogiára o Porto, estigmatisando apenas o procedimento dos agitadores.

Sustentou que as considerações feitas pelo sr. Eduardo de Abreu eram de sua exclusiva responsabilidade pessoal. Elle, ministro, defende os interesses do Porto, mas censura os agitadores, não acceitando imposições de quem quer que seja.

O sr. Julio de Vilhena fallou sobre a inconstitucionalidade da moção do sr. Eduardo de Abreu pedindo a opiniãa do governo sobre ella.

O sr. Eduardo de Abreu disse que não quizera offender o Porto, nem mesmo nenhuma pessoa d'aquella honrada e heroica cidade, onde tem amigos e parentes.

Pediu para substituir a sua moção por outra, dizendo: «A camara confia em que o governo, fazendo respeitar as leis, decidirá sobre a Companhia Vinicola do Norte e a lei da sellagem como fôr mais conveniente para os interesses geraes».

Sobre a admissão d'esta moção fallou o sr. Marçal Pacheco, que a reputou de inconstitucional por dizer que o governo decidirá sobre negocios em que tem acção o parlamento.

O sr. Eduardo de Abreu substituiu a sua segunda moção por uma outra, dizendo: «A camara, satisfeita com as explicações dadas pelo governo, passa á ordem do dia».

A camara admittiu esta terceira moção, approvando-a.

No fim da sessão o sr. João Pinto dos Santos perguntou se a allusão feita pelo sr. presidente do conselho sobre os syndicatos, lhe dizia respeito ou ao seu partido.

O sr. presidente do conselho disse que nunca fazia allusões pessoaes, mas que os syndicatos já vinham de longe.

Travou-se um vivo dialago entre o orador e o sr. João Pinto dos Santos, vendo-se o sr. presidente na necessidade de os chamar á ordem, agitando a campainha. O sr. Luciano de Castro sentou-se.

Alguns deputados regeneradores pediram a palavra, mas o sr. presidente não lh'a concedeu, levantando a sessão, o que deu logar a vivos protestos da opposição regeneradora, a qual increpou a presidencia por não os deixar fallar, defendendo o seu partido das accusações do sr. Luciano de Castro.

As galerias estavam apinhadas de espectadores.

—

Sessão de 26 de janeiro

Presidencia do sr. Coelho de Campos, servindo de secretarios os snrs. Francisco Medeiros e Alpoim Cabral.

Abertura ás 3 horas da tarde.

Levantou-se incidente sobre a approvação da acta, por motivo das palavras trocadas entre os srs. presidente do conselho e João Pinto dos Santos, no fim da sessão de hontem.

Usaram da palavra sobre o assumpto varios srs. deputados, terminando o incidente com a declaração do sr. presidente do conselho, de que não quizera fazer pessoalmente referencias desagradaveis a ninguem, nem collectivamente ao partido regenerador, quando fallara na ultima sessão.

O sr. Lopo Vaz, em nome do partido regenerador, deu-se por satisfeito com estas explicações, assim como o sr. Ruivo Godinho, o qual retirou a emenda á acta, que tinha apresentado.

O sr. Augusto Fuschini perguntou se o sr. ministro das obras publicas tencionava apresentar á camara o contracto com a Companhia das aguas de Lisboa.

O sr. ministro das obras publicas respondeu que considerava o novo contrato como uma acclaração do antigo entendendo por isso não se tornar necessario apresental-o ao parlamento.

O sr. Augusto Fuschini replicou, estranhando que o sr. ministro apresentasse uma tal doutrina.

Propoz que fosse eleita uma commissão pela camara para decidir se sim ou não o contrato devia ser presente ao parlamento.

O sr. ministro das obras publicas declarou acceitar este alvitre.

ORDRM DO DIA

Incidente sobre a sellagem

O sr. Pinheiro Chagas fez algumas considerações sobre o assumpto, perguntando qual era a ultima palavra do governo relativamente ás reclamações dos commerciantes do Porto.

O sr. ministro da fazenda combateu a argumentação do sr. Chagas, estranhando as contradicções d'este orador sobre o procedimento politico do governo.

O sr. Dias Ferreira desejou saber quaes os meios a que o governo recorria, em vista da gréve dos proprietarios de barcas de carga e descarga de embarcações no rio Douro, afim de restabelecer o movimento n'esse rio, e bem assim a tranquilidade commercial no Porto.

O sr. Fernandes Vaz mandou para a meza um requerimento dando a materia por discutida.

O sr. Frederico Arouca estranhou este procedimento da maioria, taxando de fraqueza.

O sr. Franco Castello Branco, fallando tambem sobre o modo de propôr, disse que não se brincava d'essa fórma com questões tão sérias. Como désse a hora, pediu para ficar com a palavra reservada.

Antes de se encerrar a sessão, o sr. Manuel da Assumpção, que havia pedido a palavra, perguntou se era certo que o governo tivesse mandado dois vapores para o Porto, para serviço de carga e descarga no rio Douro, e se havia dado ordem para o regimento de infanteria 9 marchar de Lamego para aquella cidade.

O sr. presidente do conselho respondeu ser verdade ter mandado os vapores afim de procederem á carga e descarga no Douro, e que o general de divisão sr. Malaquias de Lemos havia pedido o auxilio d'aquelle regimento, unicamente para completar a guarnição do Porto.

O sr. Manuel da Assumpção disse que era necessario que o governo tivesse cautella com tal modo de proceder, e pediu-lhe que reflectisse antes de provocar par essa fórma a cidade do Porto.

O sr. presidente do conselho replicou que o governo não provocava o Porto e que tratava simplesmente de attender ás urgentes necessidades de momento.

Foi depois encerrada a sessão.

SECÇÃO AGRICOLA

A EXPOSIÇÃO PECUARIA DE 1888

I

Divergindo da opinião geral, que considerou a ultima exposição pecuaria, verificada em junho do anno proximo findo, nos campos de Valle de Pereiro, como a mais notavel de quantas se teem realisado no paiz, fez o sr. Antonio Augusto dos Santos, nosso antigo collega e illustre professor do Instituto de agronomia e veterinaria, publicar na *Agricultura Contemporanea* uma serie de artigos, em que sob o ponto de vista technico, ataca o plano organico d'aquelle certamen, considerando-o, por mais de uma vez, abaixo dos preceitos da boa zootechnia, a que é costume fazer subordinar, em paizes cultos, as exposições d'aquelle genero.

E' evidente que não pretendemos acompanhar o sr. Santos em todos os pontos da sua critica, que reveste na maior parte das vezes uma feição pessoal, que desejariamos para sempre banida das discussões d'esta ordem, e para a qual nos não sentimos inclinado, nem, tão pouco, ousamos vir tomar a defeza de quem tão superior e distinctamente contribuio para o brilhantismo e cabal exito da referida exposição, admirada e apreciada não só por nacionaes, de boa fé, como pelos visitantes estrangeiros, que todos, em geral, a elogiaram, já pela boa ordem sempre n'ella mantida, já pela quantidade e qualidade de productos pecuarios expostos.

E quem conhece, como nós, isto é, como todos os que teem a honra de trabalhar sob as ordens do actual sr. director geral de Agricultura, as qualidades que, como chefe, o exornam, mal poderia, sem risco de o melindrar, abalançar-se a interpôr defeza em actos cuja responsabilidade lhe caiba, e com a qual elle por certo se sente bem, seguro de que ninguem, antes d'elle, levára mais longe o zelo e o amor pelo desenvolvimento da agricultura nacional e, consequentemente, pelos serviços officiaes com ella relacionados.

E' longa a minha carreira publica e não poucos os serviços que á agricultura, já como intendente de pecuaria, já exercendo as funcções de agronomo, tenho prestado no desempenho de cargos officiaes, e não seria agora, depois de velho, que a doença da lisonja havia de atrophiar-me o organismo, quebrando a independencia do meu proceder como homem publico, e a franqueza com que uso manifestar o meu modo de sentir. Por isso, ninguem terá o direito de pôr em duvida a sinceridade das minhas palavras, quando affirmarem, que é na minha qualidade de technico e acudindo pela minha dignidade profissional e pelos principios que sempre tenho sustentado e defendido, que resolvi vir a publico demonstrar a sem razão com que o illustre professor o sr. Antonio Augusto dos Santos, em oito extensos artigos, censurou e combateu o plano organico e e regulamento da exposição pecuaria de Lisboa, tornando-se singularmente aggressivo para o alto funccionario, que se é ou pode ser considerado officialmente responsavel por aquelles diplomas, não o pode ser, todavia, pela contextura technica d'elles, confiada por s. ex.ª aos funccionarios technicos da dependencia da direcção geral de agricultura, no numero dos quaes nos contamos, eu e o meu distincto collega o sr. José Anastacio Monteiro, ambos servindo na 7.ª região agronomica e pecuaria, aquella em que, por iniciativa da respectiva Junta promotora de melhoramentos agricolas, teve logar a exposição de que se trata.

Trabalhámos, como pudemos e soubemos, servindo-nos dos nossos conhecimentos zootechnicos, aprendidos no Instituto, em que o sr. Santos é professor, e cultivados pela experiencia de largos annos, e utilisando em prol do nosso humilde trabalho tudo o que pudemos colher do exame e estudo das necessidades zootechnicas das diversas regiões do paiz.

Não fomos vaidosos e immodestos pela honra, que nos coubera, de sermos escolhidos pelo sr. director geral de agricultura para trabalho de tamanha magnitude e importancia, pois que, depois de o havermos traçado, entendemos dever ouvir a mui auctorisada opinião do distinctissimo zootechnista e tambem professor do Instituto de Agronomia, o sr. Santos Viegas, tendo sido por nós acceites algumas ligeiras modificações por elle apresentadas e que, por sem duvida, melhoraram e completaram o mesmo trabalho.

Só depois d'isto é que o apresentámos ao sr. director geral de Agricultura, acompanhando-o de um desenvolvido relatorio, datado de 24 de março do anno proximo findo, e no qual fundamentámos o plano que traçaramos e o regulamento, que explana e detalha o mesmo plano.

Esta é a verdade que ninguem poderá contestar, sendo, por isso, inexactas as affirmações, que em contrario se teem feito, determinadas por equivoco ou por intuitos, que nos não pertence averiguar.

E se o sr. Santos, antes de criticar tão precipitadamente o nosso humilde trabalho, se houvesse dado ao prudente incommodo de averiguar quaes os escrupulos, de intenção e de factos, que antecederam a publicação d'aquelles documentos, ter-se-hia poupado á injustiça de escrever para os leitores da *Agricultura Contemporanea* as palavras por ventura impensadas e as apreciações de caracter pessoal, com que tão injustamente pretendeu ferir a direcção geral de agricultura, ferindo, sem o querer, a auctoridade profissional dos funccionarios technicos, que ali servem, e que por certo são merecedores de melhor acolhimento por parte de quem é d'elles collega e antigo companheiro de trabalho.

Se houvesse procedido com essa aliaz natural prudencia, chegaria igualmente a convencer-se de que não poderia ser mais correcto o procedimento official de quem com tanto zelo dirige os serviços da Agricultura na repartição respectiva, pois que havendo o sr. director geral recebido o nosso trabalho, fel-o depois discutir, perante uma commissão, a que s. ex.ª presidiu, e de que fizemos parte, e na qual vimos o digno presidente da Junta promotora da 7.ª região, alguns technicos e lavradores praticos.

Esta é a verdade dos factos, que até suppunhamos conhecidos do snr. Sautos.

Dito isto, poderemos entrar desassombradamente nos fundamentos, em que se baseia a parte technica do nosso trabalho, e, em artigos seguidos, demonstraremos ao nosso illustre collega, o sr. Antonio Augusto dos Santos, que as suas criticas não teem o valor, que imagina, e que é costume nosso não andarmos de leve nos assumptos da nossa competencia, quando somos chamados a consultar sobre elles.

Responderemos, pois, aos seus artigos criticos, e fal-o-hemos com a seriedade, que costumamos usar nos nossos processos de critica e de estudo.

Santarem, aos 3 de janeiro de 1889.

Dyonisio Antcnio Ferreira.

SECÇÃO LITTERARIA

PASSEIANDO...

—

AO MEU BOM AMIGO FRANCISCO DE PAULA PEIXOTO DA SILVA E BOURBON (LINDOSO)

Carlos Villas-bôas e Estevam de Mello, dois leaes amigos, seguiam ao longo da estrada real, ladeada de extensos campos verdejantes. De quando em quando paravam, gesticulando com enthusiasmo. Depois continuavam o seu caminho, embebidos sempre n'uma boa palestra.

Quem os visse dil-os-hia indifferentes ás bellezas da paysagem que os cercava, tal era o interesse que os prendia. Foram sempre caminhando até que chegaram perto d'um aqueducto. Sentaram-se. Por baixo corria um ribeiro, que se despejava n'uma vessada contigua, onde dois bezerros pastavam socegadamente. Uma longa fileira de platanos orlava d'aqui para diante as beiras da estrada, ostentando o luxo rico da sua folhagem larga, gentilmente recortada. Em torno, por entre as sebes em flôr, alguns passaros folgavam n'um despreocupamento infantil. N'um cerrado fronteiro uma familia de lavradores remexia a terra. Os bois picados pelo aguilhão d'um rapazito e incitados pela voz rude do homem da rabiça, arqueavam o espinhaço arrancando o arado com esforço.

Um cão saltava alegremente em torno d'uma creança no berço, e um pouco mais afastadas, duas raparigas corpulentas e de seio farto, sacudiam punhados de feno e gramão, que as leivas continham em abundancia.

— E' assim como dizes, meu amigo, fallava Carlos tranquillamente. Deixei Lisboa logo que meu pae morreu, e fui residir para a minha quinta da Aveia, junto do pequeno logar de B***

Custou-me isso devéras porque interrompi os meus trabalhos da Escola. Mas minha mãe, uma pobre velha, só, de mais a mais, implorou-me que abandonasse a capital e fosse viver na sua companhia.

Nunca se desobedece a uma mãe; e, afinal de contas, vim a ser um soffrivel abegão, podendo sahir um pessimo Esculapio.

Por aqui vês que sempre aproveitei alguma coisa n'este mundo.

Ordinariamente, fóra dos meus varios affazeres cazeiros, lia e caçava. De tempos a tempos a vida monotona do campo trazia-me saudades de Lisboa, d'esse meio querido, onde tão bem se accommodava o meu espirito.

Eu amava o ruido, a actividade; e, francamente, aborrecia-me muitas vezes a serenidade vulgar da aldeia.

O inverno, esse era intoleravel. Dias e noites eternas, alagadas de chuva, cobertas de escuridão; tempestades desenfreadas, em que o fulgor livido dos relampagos parecia um boqueirão espantoso vomitando anathemas sobre a mizera humanidade.

Em compensação tambem gozava dias formosos, cheios de sol, radiantes de alegria. Então pegava na espingarda, soltava os cães, e lá ia eu por esses campos fóra, batendo matagaes, galgando barrancos, trepando ás encostas, sem muitas vezes dar um tiro sequer. Em todo o caso robustecia-se o corpo n'estes exercicios fadigosos e hygienicos.

Por fim o sol extinguia-se lentamente ardendo n'um brazido chameja nte, e nas lezirias proximas ajuntavam-se os gados para recolher aos cazaes.

A noite vinha tombando silenciosa, n'uma religiosidade adoravel; as primeiras estrellas assomavam tremulas como gotas d'orvalho suspensas no ar, e além o sino da ermida rezava o *angelus*, melancolico, cheio de ternura, como um suspiro de Jesus.

Eu regressava depois ao povoado com a bolsa vazia, mas com a alma repleta de emoções purissimas. O meu septicismo parecia derreter-se a cada badalada do sino: Ehrenberg, Darwin, Büchner, Harvey, e tantos outros, sahiam-me ao encontro como espectros pavorosos.

Os meus cães caminhavam á frente, exhaustos, cançados. Por vezes, lá muito adiante, paravam; e quando depois me avisinhava d'elles saltavam-me ao pescoço com afagos de ternura, manifestando na scintillação do seu olhar a muita amizade que me dedicavam.

A alma sublime da natureza palpitava n'uma forte vibração. No amago das sombras a circulação vigorosa da seiva fazia ranger as plantas. Eu escutava a vida dos insectos e dos vermes propagando-se infinitamente, maravilhosamente, ouvia em religioso silencio os dialogos amorosos dos passaros e o delirio casto dos seus prazeres.

Por toda a banda se exhalava da terra uma suavidade celestial, vaporosa, subtis emanações rompiam das suas entranhas e instrumentavam-se n'uma harmonia doce e perfumada, n'um côro enorme de vozes immaculadas, exaltando a grande natureza em extasi.

*

N'uma occasião que eu montava o meu *Tonnère* para sair em passeio pelos arredores, um creado veio annunciar-me que um rapazito desejava fallar-me. Sahi para fóra, e o rapaz que me procurava, suando em bica, entregou-me um papel lacrado. Desdobrei-o e li que uma pessoa do logar de B*** desejava fazer-me uma grave communicação.

Surprehendido, mas sem mais delongas cravei as esporas no cavallo, que partiu n'um galope desabrido. Durante a minha carreira, atravez dos campos, cogitava no estranho d'esta aventura: o laconismo do bilhete, a sua concluzão ambigua, uma pessoa desconhecida pedindo ardentemente para lhe fallar, tudo isso junctamente, em confusão, enchia-me o cerebro d'ideias desencontradas e extraordinarias.

Assim pensava eu quando ouvi repicar ao *Senhor fóra.*

O meu *Tonnère*, escorrendo em suor, resfolegava com ruido. Porém, ao torcer o cotovelo do caminho, já perto da aldeia de B***, fui obrigado a parar. Encontrei o prestito religioso: na frente caminhava um rapasito descalço e esguedelhado tangendo uma campainha sofregamente, e apoz elle o pastor da freguezia, branco e grave, sob a umbela já usada. Muito povoleu atraz fazendo cauda entoava monotonamente o *Bemdicto.*

E esse côro vibrante de simplicidade, delicioso de santa poezia, suspirava tristemente por entre a ramagem espessa dos castanheiros, indo morrer além, muito além, languorozamente, na deslumbrante claridade do dia.

— Pobre Ignez!—diziam algumas raparigas de gestos tristes.

— E não escapa coitadinha!...

Depois seguia-se um silencio compungido, sómente quebrado pelo sentimental *Bemdicto.*

Tudo isso me sensibilisava, povoando-me a imaginação d'infinitas ideias, que não podia explicar. E como era magnifico tudo aquillo, alli, diante da boa natureza em festa!

Segui o cortejo a distancia, ruminando pensamentos sobre pensamentos. Eu ia com o espirito torturado, como que ás apalpadelas, sem precisar um ponto definido.

Por fim o cortejo entrou n'uma casa d'aspecto humilde e aceiado. Uma parreira, estendida em docel sobre a porta d'entrada, desenvolvia grande abundancia de folhagem. Ao lado uma janellita envidraçada rasgava a parede ao rez do chão.

Era alli que costumava estar costurando uma rapariga loira.

D'uma vez até lhe pedi um *pucaro* d'agua. Ella sorriu-se attenciosamente deixando ver uns dentes brancos e brilhantes. As suas maneiras eram agradaveis e despertaram-me uma viva sympathia.

Algum tempo tinha decorrido já, mas eu nunca mais tornei a vel-a. Casualmente ouvi dizer que tinha adoecido. Fiquei torturado com isto, porque já a estimava em segredo.

A sua figura tão amavel e tão distincta não se me largava da imaginação. Via-a claramente desenhada com uma firmeza de traços completa. E o seu rosto d'uma pureza celestial sorria-me candidamente. Por vezes essa impressão deliciosa estonteava-me, embebia-me n'um extasi radiante, parecendo então ver essa mulher fascinante chorar nas minhas dôres e sorrir nas minhas alegrias. Parecia que sentiamos as mesmas inclinações e buscavamos os mesmos desejos castos; havia, finalmente, entre nós uma santa communhão d'affectos, um unico sentimento do dever que em vão tentavamos alcançar.

A caza onde o velho prior entrou era a mesma que o bilhete me indicava.

O meu espanto foi grande e o meu pezar enorme. Ignez agonizava, debatendo-se nos ultimos paroximos da morte.

E que desejavam então communicar-me? Quem se lembrava de mim, se nenhuns laços de intimidade me uniam a esta gente?... De surpreza em surpreza entrei tambem.

Mal Ignez me avistou devorou-me com o seu olhar anciozo. O meu coração estremeceu.

A' cabeceira do seu leito uma mulher já velha chorava, escondendo o rosto encarquilhado no seu avental de burel. Este espectaculo dilacerava-me. Tentava repellir as dolorosas impressões que me salteavam, tive mesmo impulsos de fugir, sentia-me covarde diante de tanta angustia, mas Ignez deteve-me com um signal carinhozo.

Abeirei-me do seu leito; ella estendeu-me a sua mão comprida e esqueletica, que eu apertei silencioso e commovido. Apesar da gravidade do seu estado Ignez mostrava uma serenidade resoluta, cheia d'esperança. Uma terna suavidade alagava-lhe o rosto cadaverico. Ella chorava fitando-me com anciedade, e conservando sempre a minha mão entre as suas. Um suor gelado começou a innundar-lhe a fronte, empastando-lhe os cabellos. De repente uma agitação interior saccudiu-lhe o organismo fragil. Sentia-se inquieta, offegante, absorvendo longamente o ar. A tuberculose completava a sua tarefa.

Ignez luctava com a derradeira agonia, e o seu olhar tão limpido, tão amoravel, anuuveava-se agora n'um desvairamento horrivel.

Permaneceu assim por instantes. Depois, com um esforço violento, extraordinario, arrebatou-me até aos seus labios descorados, pouzando-me um beijo e murmurando:

— Sou tua irmã.

E cahiu para a banda sobre o travesseiro, gemendo o derradeiro alento.

Os dois amigos entreolharam-se n'um assombro. Ao cabo d'um momento Estevam de Mello exclamou:

— Póde lá ser, Carlos!?... Tua irmã?!...

— E' verdade meu amigo. Ignez era minha irmã. Era bastarda, filha de uma camponeza com quem meu pae travara antigas relações.

Foi tudo o que soube, rebuscando n'uns papeis lacrados escondidos na sua velha secretária... Pobre Ignez! Só Deus sabe o que soffri! Beijei-te com effusão, cobrindo-te com as minhas lagrimas.

*

E, regressando do seu passeio, os dois amigos, silenciosos e commovidos, escutavam o ultimo adeus do crepusculo: um contico angelico d'aves, de flôres e de perfumes, que era uma benção de Deus.

Renato Franco.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 24

Varios despachos do commissariado geral de policia fiscal.

Relação dos portuguezes fallecidos na area do consulado do Rio Grande do Sul, referida ao mez de abril de 1888.

Diario de 25

Varios despachos judiciaes.

Relação dos portuguezes fallecidos na area dos consulados da Bahia, referida ao mez de maio de 1888.

Diario de 26

Despachos de varios empregados para as contribuições directas.

*Portaria determinando que as dis*posições da portaria de 30 de junho de 1888, relativamente ao pagamento por meio de titulos de renda vitalicia, sejam extensivas aos empregados aposentados e reformados da guarda fiscal.

Decreto declarando de utilidade publica e urgente a expropriação de parte da cerca do convento de S. Bento da Ave-Maria, no Porto, para as obras da estação central das linhas ferreas do Minho e Douro.

Varios despachos das direcções geraes da agricultura, commercio e industria, e correios e telegraphos.

83

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

— Não tendes necessidade d'ella contra mim. A dous passos d'aqui estão os guardas encarregados de velar sobre vós até que vos conduzam á morte. Não tenho nenhuma authoridade sobre elles. Ao menor rumor vêl-os-hieis correr, e eu mesmo estaria em perigo se acaso elles me surprehendessem aqui.

— Deus seja louvado! exclamou Rebecca: o temor é o que menos me assusta n'este couto de malvados.

— De certo a ideia da morte nada tem de medonha para uma alma corajosa, quando não é acompanhada de circumstancias que a tornam mais terrivel. Morrer na ponta d'uma lança, ou d'uma espada é quasi nada para mim; saltar do alto d'uma torre, trasspassar-vos a vós mesma o coração com um punhal seria pequena cousa para vós, e prefiriríeis esta morte ao que chamais vossa deshonra. Quando assim vos fallo, talvez tenha sobre o ponto de honra ideias tão romanescas como as vossas; mas seja como fôr, ambos nós prefiriríamos a morte á renuncia d'este ponto.

— Homem desafortunado! exclamou Rebecca, estais pois condemnado a expôr a vossa vida por principios, de que vossa razão e vosso juizo não reconhecem a validade? É dar um thesouro pelo que não póde converter-se em pão. Mas não julgueis que a vossa situação é a mesma. A vossa resolução póde mudar como as ondas agitadas pela opinião dos homens, mas a minha está ancorada no rochedo dos seculos.

— Silencio! Rebecca, similhantes discursos n'esta occasião são fóra de razão. Estais condemnada a morrer, mas não d'uma morte rapida e facil, tal como o desgraçado deseja, como a desesperação procura; ha de ser lenta, terrivel acompanhada de crueis supplicios, reservados ao que uma superstição chama crime.

— Se tal deve ser o meu destino, quem devo accusar d'elle? Não é áquelle que, abandonando-se a uma paixão criminosa, me conduziu aqui a meu pezar, áquelle que agora mesmo, não sei por que motivos, procura amedrentar-me traçando um quadro horrendo da sorte que me espera, e a que elle me expoz?

— Não julgueis que vos expuz voluntariamente. Hoje mesmo vos protegeria contra todos os perigos, com tanta presteza como a que puz em vos abrigar com o meu escudo dos dardos, que se lançavam sobre nós no pateo do palacio de Torquilstone.

— Se vossa intenção fôra a de conceder protecção honrosa a uma desgraçada donzella, dever-vos-hia grande reconhecimento; mas, posto que tenhais tantas vezes procurado gabarvos de vossa protecção, dir-vos-hei que conhecendo os vossos sentimentos, mais teria estimado perder a vida do que achar-me entre as vossas mãos.

— Basta de increpações, Rebecca; eu tambem tenho as minhas maguas, e não posso tolerar que procureis aggraval-as ainda mais.

— Quaes são pois os vossos designios, senhor cavalleiro? declarai-m'os em poucas palavras. Se tendes algum motivo, que não seja o de apascentar a vossa vista na desgraça de que sois a causa, dizei-o quanto antes, e deixai-me entregue a mim mesma. A passagem da vida á eternidade é curta, mas terrivel, e restam-me bem poucos instantes para dispôr-me a morrer.

— Vejo, Rebecca, que continuais a accusar-me de desgraças que eu quereria evitar com o sacrificio mesmo de tudo o que no mundo me é mais caro.

— E não será verdade que só devo a minha morte á vossa paixão criminosa?

— Não, não! exclamou precipitadamente o templario, enganais-vos attribuindo-me o que não pude nem prever, nem impedir. Podia adivinhar por ventura a chegada imprevista d'este fanatico estulto, que algumas proezas e os elogios dados á austeridade d'uma louca superstição, elevaram momentaneamente acima do seu merito, acima do senso commum, acima de mim, e acima de todos os cavalleiros da nossa ordem, cujos corações não estão embrutecidos pelos ridiculos prejuizos que formam a regra de seus pensamentos, de seus discursos, e de suas acções?

— Comtudo vós estaveis entre os que me sentenciaram: tomastes parte na minha condemnação conhecendo a minha innocencia; e, se acaso me não enganei no que ouvi, vós deveis comparecer com as armas na mão para sustentar a justiça da minha condemnação, e assegurar o meu castigo.

— Paciencia, Rebecca, paciencia! a vossa raça sabe melhor do que ninguem ceder á tempestade, e governar a sua barca de modo que possa tirar proveito mesmo d'um vento desfavoravel.

— Foi em uma occasião bem desgraçada que ella se viu obrigada a lançar mão de taes recursos! Mas a adversidade dóma o coração, como o fogo faz dobrar o aço indocil! e os que já não governam, que já não tem patria, que já não habitam o seu paiz livre e independente, devem humilhar-se ante os estrangeiros. É uma maldição lançada contra nós pelo céu, e que devemos de certo ás nossas faltas, e ás dos nossos paes; mas vós, cavalleiro, vós que vos gabais da vossa liberdade como d'um direito, que vosso nascimento vos assegurou, quanto não é mais vergonhoso submetter-vos aos prejuizos dos outros, mesmo contra a vossa propria convicção?

— Vossos discursos são cheios de amargura, Rebecca, diz Bois-Guilbert marchando como impacientado. Eu não vim aqui para me expôr a reprehensões. Sabeis que Bois-Guilbert não cede a homem nenhum sobre a terra, apezar de que as circumstancias possam determinal-o a mudar o seu plano, ou a affastar-se d'elle. Sua vontade é como a torrente que desce das montanhas; póde mandar seu curso, mas qualquer que seja o Oceano ha de sempre recebel-o.

— O bilhete que te aconselhou de pedir um campeão quem te parece que t'o entregou, a não ser Bois-Guilbert? Quem poderia tomar tanto interesse no teu destino?

— Algumas horas accrescentadas á minha dôr, uma demora que provavelmente me não ha de servir d'utilidade alguma, eis tudo o que fizestes por uma desventurada, sobre cuja cabeça accumulastes tantas maguas, e a quem cavastes a sepultura.

— Não, Rebecca, não era isso o que eu me propunha fazer. Sem a maldita intervenção d'aquelle desacizado velho, do miseravel Goodalrick que, ainda que templario, affecta sempre seguir, n'um processo, as regras ordinarias da justiça, ninguem se teria lembrado de encarregar da defeza da ordem aquelle, que o grão-mestre desejaria secretamente expulsar da mesma, aquelle que se suppunha cumplice, ou victima das vossas suppostas feitiçarias. Meu projecto era, ao primeiro som da trombeta, apparecer na liça como vosso campeão, disfarçado em cavalleiro errante que procura as aventuras para provar o seu escudo e lança; e quando Beaumanoir me opposesse um, dous, ou tres dos irmãos reunidos em Templestowe, saberia derribal-os dos cavallos. Por este modo, Rebecca, vossa innocencia teria sido reconhecida, e fiar-me-hia no vosso reconhecimento para recompensar minha victoria.

— Isso é uma pura vangloria, senhor cavalleiro; o mesmo faricis por qualquer outro motivo. Recebestes o meu gage; meu campeão, se uma creatura desventurada como eu algum encontrar, tem necessariamente de expôr-se aos botes da vossa lança: e sendo isto verdade, muito me espanta que vos pretendais inculsar por meu amigo, e protector. *(Continua.)*

CORREIO DE LISBOA

29 DE JANEIRO DE 1889.

Mais uma sessão perdida! Reputa-se assim a sessão de hoje, que terminou por novo tumulto. Abriu-se a sessão ás tres horas e um quarto, com muito pequena concorrencia, tanto de deputados como de espectadores. Por ordem do sr. presidente, leu o sr. secretario o resultado das averiguações, a que a meza procedeu, no intuito de saber a quem cabia a responsabilidade da entrada da força armada no corredor da camara. Este resultado é conforme com todos os seus pormenores com a narrativa já feita e o documento contestava apenas o que se havia passado. A camara apoiou as suas conclusões, e parecia que a questão estava em fim liquidada. O sr. conego Castello Branco requereu que se consultasse a camara sobre se queria que a sessão se prorogasse até discutir e terminar o assumpto da ordem do dia. O sr. Azevedo Castello Branco pediu ainda a palavra sobre o modo de propôr, e isso deu logar a estabelecer-se o tumulto e a encerrar-se a sessão, chegando-se quasi a actos violentos.

Está provado até á evidencia que a opposição não permitte que a camara funccione, oppondo a tudo meios impeditivos que não abonam o seu bom criterio. O caminho a seguir, pois, está traçado, e o governo terá os louvores geraes do paiz se fechar já aquelle nucleo de continuos desacatos. A imprensa séria, farta de presencear tanto descomedimento indica já o que ha a fazer. O artigo do *Dia*, de hoje—do *Dia* que não é suspeito, claramente aponta o caminho a seguir. Criticando devidamente os actos d'essa opposição sem consciencia que ahi está pejando o sanctuario das leis, fecha o seu artigo editorial de hoje com as seguintes linhas:

«Nunca se viu mais rematada insania! Diz que o governo é *nefasto*, qualifica-o com os adjectivos mais malcreados do diccionario, e não é capaz de sacrificar a mais pueril das suas ambições e cobiças para se habilitar a substituil-o! Argúe-o de deixar sem solução, a rugirem e bracejarem pelas praças publicas, as questões mais vitaes e mais ardentes da administração e da economia publica; e põe o seu maior cuidado em não ter opinião sobre essas questões, para poder explorar todos os descontentamentos e inflammar todas as irritações! Accusa o poder de falta de seriedade, e escolhe o parlamento para tablado dos seus equilibrios de funambulo e das suas jogralidades de clown; accusa-o de incoherente, e não tem plano de acção nem sequencia de ideias, antes anda ás cambalhotas dos tumultos para os accordos! Parece que se encarregou de desculpar todos os defeitos dos adversarios com os seus proprios; do convencer quem pensa mal do governo de que peior ainda do que elle ha de ser o que vier atraz d'elle; e ella e só ella sustentaria a actual situação como uma necessidade, como um preservativo, como um esconjuro, se acaso lhe faltassem elementos de vida propria!

Não lhe dizemos isto, que a opposição afinal sente no intimo da sua consciencia, para lhe pedir emenda, porque sabemos que é incorrigivel; dizemos-lh'o para accentuar as suas responsabilidades, e accentuamol-as para reivindicar os direitos correlativos do poder. A' viva força não é possivel fazer entrar na ordem e no dever uma opposição que nada respeita, porque o escandalo da repressão annularia os beneficios da propria repressão; portanto, se ella jurou aos seus deuses, que devem ser a loucura e a ambição, inutilisar o parlamento, responda-se-lhe com a dictadura, não só tornada necessaria, mas exemplificada e exercida pela propria opposição. Pois o que é esse obstruccionismo da palavra ôca e do tumulto indecoroso senão uma dictadura, que impõe á maioria parlamentar e ao seu direito, ás instituições constitucionaes e ao seu funccionamento, a vontade de um grupo politico, paralysando-as e impedindo-as de acudir ás necessidades publicas, a que devem provêr? E' uma dictadura irregular, tumultuaria, que nenhum poder legal cobre com a sua legitimidade; é uma usurpação, uma tyrannia, que cria uma situação anormal, que é licito e é mistér que o poder remedeie pelos meios tambem anormaes que a pratica tem sanccionado.

Taes são as consequencias logicas e inevitaveis da attitude que assumiu a opposição parlamentar. Annunciamos-lh'as com antecedencia, porque havemos de pedir a sua realisação quando fôr tempo. Estão pendentes questões inaddiaveis; se o parlamento as não quizer ou não poder resolver, o governo que as resolva sem elle, para impedir que venham para a praça publica, convertidos em conflictos de classes.»

O governo que as resolva, sim sr.; uma dictadura patriotica e sensata fará o que a minoria parlamentar não deixa fazer. Fechem isso, que está causando nausea a toda a gente; e no interesse do paiz e das instituições governem energica e francamente, pois que em apoio dos seus actos encontrarão a grande maioria do paiz.

— A sessão de hontem em ambas as camaras teve importancia, principalmente porque se patenteou em toda a sua altura a desorganisação que vae no campo regenerador.

Na camara dos pares, o sr. Hintze Ribeiro declarou, que não lhe repugnavam as companhias vinicolas. Esta declaração, que é no fundo o repudio formal das declarações do sr. Antonio de Serpa, causou impressão e attribue-se-lhe grande importancia na organisação intima do partido regenerador.

A declaração auctorisada por carta do sr. Antonio de Serpa, na Associação Commercial, tem sido vivamente criticada pelos seus proprios correligionarios. Não podia deixar de ser.

O sr. Barjona de Freitas fez declarações de equilibrista habil. A respeito das companhias vinicolas, disse que julgava necessario dar protecção á agricultura, mas que visto o estado das coisas, o governo faria melhor se não levasse os contractos ao parlamento! Um alho este sr. Barjona.

A opposição está cada vez mais dividida. O sr. Lopo Vaz, pretextando doença, participou que não podia ir n'estes dias proximos ao parlamento, para não tomar a responsabilidade dos desatinos dos seus correligionarios.

O governo deu instrucções aos seus amigos para que deixassem a opposição inteiramente entregue aos seus desvarios, sem requererem a prorogação das sessões, ou outro qualquer expediente, para lhes tolher o abuso da palavra. Assim como os Lacedemonios davam em espectaculo aos seus filhos escravos para lhes mostrarem as vergonhas da embriaguez, assim o governo parece querer dar ao paiz a lição do que vale e do que é a actual opposição regeneradora. E a demonstração está já causando tedio a toda a gente. O descredito da opposição e o seu desconceito não pódem ser mais completos.

O sr. Alfredo Brandão, deputado da maioria, em vista das recommendações do governo, disse que, em vista do abuso da palavra da opposição, e para não haver scenas de tumultos, que os deputados da opposição fallassem quanto quizessem e sobre o que quizessem, mas que os deputados da maioria nem estavam para responder-lhes, nem para atural-os. Dizendo isto com a inteireza propria do seu caracter, deixou perceber que é esta a resolução da maioria.

— Como já lhe disse em telegramma, foi nomeada uma commissão de engenheiros para estudarem e formularem o plano de melhoramentos da barra d'Aveiro. Attendeu-se assim aos instantes esforços dos habitantes d'essa cidade, tão solemnemente postos em acção pela imprensa progressista d'Aveiro e mais que todos pelo *Parlamento*, que desde muito levantou a questão do porto d'essa cidade. Estão pois em grande parte satisfeitos já os desejos dos aveirenses e mais especialmente do iniciador da ideia e seu constante propugnador o sr. Fernando de Vilhena. A commissão compõe-se dos srs. Adolfo Loureiro, Souza Gomes e Simões de Carvalho. Prezide a esta commissão, como se vê, o cavalheiro que ha pouco deixou a inspecção do circulo e que conhece por isso mais que nenhum outro o mal de que a barra d'Aveiro soffre. Tem s. ex.ª a esse respeito bastantes estudos feitos e isso é já caminho adiantado para que a elaboração do projecto se não demore.

— Foi muito concorrida a reunião da Associação dos logistas de Lisboa, para tratarem da questão da sellagem. Resolveu apresentar uma representação respeitosa aos poderes publicos, pedindo a revogação da sellagem ou, pelo menos, a modificação d'ella, de modo que o commercio não fique sujeito a varejos. Todos os oradores condemnaram o procedimento tumultuario dos commerciantes do Porto. A Associação declarou que não se associava a esse procedimento, nem aqui se offerecerá para apoiar e acompanhar a commissão dos portuenses que veio a Lisboa. «Nós não protestamos, representamos» —disse um dos oradores, no que foi vivamente applaudido.

— O *Diario*, de hoje, publica a seguinte portaria:

Constando a Sua Magestade El-rei, que é diverso o procedimento das differentes commissões de recrutamento no que toca á substituição dos recrutas dos contingentes effectivos, chamando umas para este fim os da segunda reserva, e outras os sorteados de numeros immediatos aos proclamados para aquella reserva: manda o mesmo augusto senhor, que os governadores civis dos districtos do continente do reino e das ilhas adjacentes, pelos administradores de concelho da sua dependencia, chamem a attenção das mencionadas commissões para o artigo 63.º da lei de 12 de setembro de 1887, onde mui expressamente se declara que aos mancebos sorteados, que excederem os contingentes annuaes, incumbe a obrigação de preencher quaesquer vacaturas, occorridas no numero dos recrutas da sua freguezia proclamados n'esse anno, e as baixas de serviço dos mesmos recrutas, até ao sorteio do anno seguinte, pela ordem da respectiva numeração.

Paço, em 28 de janeiro de 1889.—*José Luciano de Castro.*

— O sr. Saturnino Leal, que serviu na direcção das obras publicas d'esse districto e que agora servia em Faro, acaba de ser transferido para a 1.ª circumscripção hydraulica.

— Chegou um telegramma de New-York communicando uma nova derrota soffrida pelos allemães em Samoa, em circumstancias crueis para os vencidos. No ponto denominado Lailele, no littoral, os marinheiros allemães occuparam uma collina, estabelecendo n'ella fortes posições. Subitamente, ao romper da manhã de 23, achavam-se completamente cercados pelos indigenas, isto é, mettidos n'um circulo de fogo de fuzilaria. Os allemães, desorientados, pretenderam romper o circulo, mas inutilmente. Tentaram resistir, mas o inimigo atacou furiosamente a arma branca. Alguns allemães cahidos por terra feridos, pediam misericordia na lingua do paiz: *Taliofa malictoa!* Foram implacavelmente degolados. Não houve quartel. Dos allemães desembarcados não escapou um só!... Vae dando bons resultados a politica colonial de Bismarck.

— A questão do dia em toda a parte é ainda a eleição que se verificou em Paris no domingo proximo.

Nunca uma eleição foi tão disputada como a que acaba de realisar-se ali. As armas principaes do combate foram os cartazes affixados por toda a parte aos milhares. Na manhã de 27 a Bolsa, o Banco, toda a Rivoli, praças da Concordia e do Palais Royal e quasi todos os edificios publicos appareceram litteralmente cobertos de cartazes. As portas das casas particulares e de estabelecimentos estavam cheias de alto a baixo, sendo difficil abril-as. Os carros de praça logo que os cocheiros se descuidavam appareciam com cartazes eleitoraes. A cidade apresentava um aspecto carnavalesco. Enormes as tiragens dos jornaes que eram distribuidos gratis a toda a gente: a do *Intransigeant* foi de 300:000 exemplares; a da *Presse* de 200:000; a do *Cocarde* de 200:000; a da *Action* de 200:000, a da *Etoile* de 250:000. Pouco antes de principiar a votação foram detidamente examinadas as urnas.

Y.

A' ultima hora.—Os successos de hoje e os dos dias anteriores determinam, para ámanhã, a apresentação d'uma proposta contendo disposições regulamentares que, se forem aprovadas pela camara electiva, porão termo aos desaforos que ali se estão dando. E se isso não succeder—e ninguem espera que succeda—o governo, tomando o logar que lhe compete—levará á coróa a solução da pendencia.

Este estado de cousas é verdadeiramente impossivel. Importa acabar sem demora com este estado verdadeiramente anomalo, insuportavel—brutal mesmo. A opinião publica aqui está indignada contra o modo de proceder da opposição regeneradora.

— O *Diario do Governo* de hoje publica a portaria nomeando a commissão para os estudos da Barra d'essa cidade em attenção á representação da camara.

Y.

CARTA DO PORTO

30 DE JANEIRO DE 1889.

Do meeting de Villa Nova que hontem se verificou resultou para os grevistas o mais completo fiasco. O que se passa agora faz crer que tudo entrará na ordem sem demora.

Os empregados nas barcaças de trafego apresentam-se arrependidos, e pedem já que os readmittam ao serviço. Impõe-lhes respeito a attitude serena mas forte dos delegados do governo.

Os barcos que d'ahi vieram estão já todos em serviço, e não serão talvez precisos mais.

A collocação das pontes verifica-se com uma ordem e com uma presteza que maravilha. Por este modo a alfandega e a navegação collocam-se de modo a dispensar futuramente o serviço de barcas. Da gréve pois só resultou um grande mal para os grevistas.

O commercio na cidade entrou n'uma via regular e assim continuará, porque está n'isso o seu interesse.

Z.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ARREMATAÇÃO

PELO Juizo de Direito da comarca d'Aveiro, e cartorio do 5.º officio, e em virtude da execução hypothecaria que Anna Roza de Jezus, e seu segundo marido, da Ermida d'Ilhavo, movem a Francisco Fernandes da Silva e mulher, de Salgueiro, vae á praça no dia 17 do mez de fevereiro proximo, por 11 horas da manhã, no Tribunal Judicial da comarca, o predio seguinte, pertencente aos mesmos executados:

Uma morada de casas, aido de terra lavradia com arvores de fructo e mais pertenças, sitas no Salgueiro, no valor de 75$000 reis.

Pelo presente ficam citados quaesquer credores do cazal, para assistirem á arrematação, querendo.

Aveiro 26 de janeiro de 1889.

O escrivão interino
Antonio Dias da Silva.

Verifiquei—*A. Cortezão.*

A QUEM CONVIER

A Commissão administrativa da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade, faz publico que arrenda a casa onde esteve o *Asylo de José Estevão*; bem como annuncia que tem 300$000 reis para dar a juros. Trata-se com

O Escrivão da Commissão Administrativa,
Padre Francisco da Costa, Junior.

ANNUNCIO

O bacharel Alberto de Sousa Leitão, delegado do procurador régio na comarca d'Aveiro, secretario do tribunal do commercio de primeira instancia na mesma comarca, por S. M. F. El-Rei, etc.

FAÇO saber que, d'hoje em deante, por convemencia de serviço, fica transferido o archivo dos livros destinados ao registo commercial d'esta delegação para o cartorio do escrivão privativo do tribunal do commercio, Antonio Augusto Duarte e Silva, e alterada a hora do registo, primitivamente annunciada, para das dez da manhã ás duas da tarde: fica affixado á porta do cartorio.

Comarca d'Aveiro, 23 de janeiro de 1889.

O Secretario
Alberto José da Silva de Sousa Leitão.

E APROVEITAR

CASA LEÃO D'OURO

121, Rua Ferreira Borges, 127

COIMBRA

CAPAS E BATINAS DE PANO PRETO A 9$000!!!

O proprietario d'esta bem conhecida casa incumbe-se de as mandar fazer por aquelle preço e d'ahi para cima, para o que recebeu um magnifico sortimento de panos pretos.

Continua a responsabilisar-se pelo seu bom acabamento.

GARGANTA

VOZ e BOCCA

PASTILHAS DE DETHAN

Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Srs. PREGADORES, PROFESSORES, e CANTORES para lhes facilitar a emissão da voz.

PREÇO: 600 REIS.

Exigir em o rotulo a firma
Adh. DETHAN, *Phen em PARIS.*

BERNARDINO, FIHOS & RIBEIRO

NEGOCIANTES E IMPORTADORES DE MADEIRAS

Possuem o mais vasto sortimento d'este genero por preços sem competencia.

39 a 55, Rua Nova do Caes do Tojo, 39 a 55

POÇO DO BORRATEM, 15

EDITAL

Manuel Pereira da Cruz, medico cirurgião pela escola do Porto, vice-presidente da commissão do recenseamento eleitoral do concelho d'Aveiro, servindo de presidente no impedimento do effectivo:

FAZ saber que esta commissão se acha installada nos Paços do concelho e nas salas das sessões da Camara Municipal, onde celebra as suas sessões em todos os dias não sanctificados das 10 horas da manhã ás 2 da tarde e ahi recebe todos os esclarecimentos, petições e reclamações que na fórma da lei lhe forem apresentados.

Aveiro e Sala das sessões da commissão do recenseamento eleitoral d'este concelho, 25 de janeiro de 1889.

O Vice-presidente servindo de presidente
Manuel Pereira da Cruz.

ANNUNCIO

VENDE-SE no dia 27 do corrente mez de janeiro, em hasta publica, que começará ás 10 horas da manhã, uma casa de um andar, sita na rua de S. Roque, de esta cidade, e pertencente a Luiza Roza Ferreira da Cruz.

CAZA PARA ALUGAR

NA rua de Castro Mattoso, em frente do chafariz do Caes, aluga-se uma boa caza para familia e para negocio, pois que já ali esteve um botequim muito concorrido. Quem a pretender póde fallar com seu dono, Luiz Gonçalves Moreira, que vive na Barra, ou com o sr. José Pereira Junior, na rua da Costeira. E' a caza que faz esquina na viella de S. Braz, e que desemboca no largo em frente do Caes.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES
O MAIS EFFICAZ E O MENOS DOLOROSO DE TODOS OS VESICATORIOS
FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubg St Denis PARIS,
E AS PRINCIPAES PHARMACIAS EM QUE ACHA-SE EM
PEDAÇOS DE TODOS OS TAMANHOS.
EXIJA-SE A ASSIGNATURA ALBESPEYRES NO LADO VERDE.

DOENÇAS DO ESTOMAGO
PASTILHAS e PÓS
PATERSON
(Bismuth e Magnesia)
Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularisam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.
PASTILHAS: 500 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.
Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.
Adh DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequeaos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Dorgria Medicinal de Ribeiro Junior.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

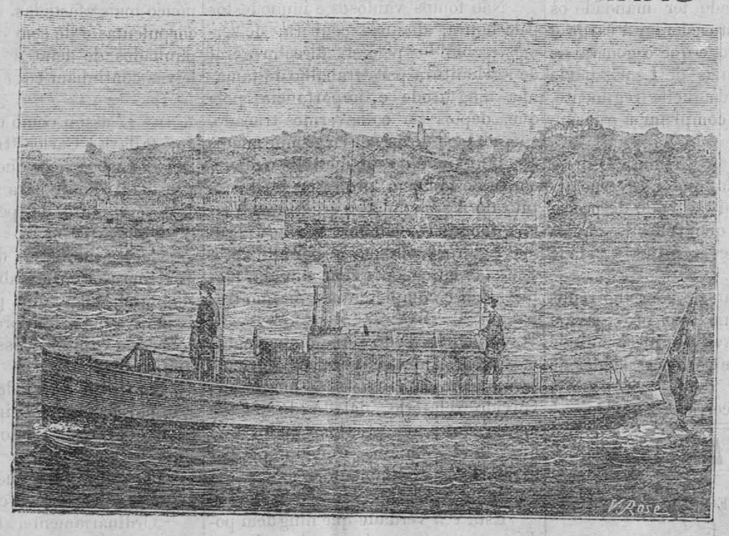
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macnas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e oendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

Largo da Cadeia

200,000 Doentes curados de **DEFLUXOS, TOSSE INSOMNIA, CRISES NERVOSAS** PELO **XAROPE do Dr FORGET** Em todas as Pharmacias do Universo. Exija-se o endereço ao lado

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de **GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc.** PELO **CITRATO DE FERRO CHABLE** Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o endereço ao lado

PAPIER WLINSI Remedio soberano paraa cura rapida d *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

45-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.
As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER
75-Rua de José Estevão-79
AVEIRO

ADMINISTRAÇÃO
DA
MATTA E SANCTUARIO DO BUSSACO
ANNUNCIO

Construcção das novas portas e cazas de guardas annexas

FAZ-SE publico que no dia 31 de janeiro, pelas 11 horas da manhã, na Administração da Matta do Bussaco, se ha-de proceder á arrematação de 6 tarefas constantes do mappa abaixo, para a construcção das referidas portas e cazas de guarda, podendo a pedra para alvenaria e saibro ser extrahido da mesma Matta e proximo do local das obras.

Dssignação dos fornecimentos	*Quantidade*	Base de licitação *Preço*	Base de licitação *Importancia*	*Deposito provisorio*
CONSTRUCÇÃO DAS PORTAS DO RAMAL E DAS LAPAS E CAZAS DE GUARDAS ANNEXAS				
Tarefa n.º 1				
Portas do ramal e caza de guarda				
Excavação em fundações e transporte..	27m3,05	95	2$575	
Alvenaria ordinaria nas fundações.....	27m3,05	1$900	51$395	
» » acima das fundações.	99m3,75	2$100	209$475	
» » de tijolo.....	22m3,67	6$000	136$020	
Construcção de cimalha de tijolo guarnecida.....	22m1,60	900	23$490	12$039
Cobertura pelo systhema mouriscado..	14m2,40	500	7$200	
Construcção de beiral.....	16m1,00	200	3$200	
Rebocos e guarnecimentos de branco.	150m2,01	120	18$001	
Idem com côr.....	188m2,98	160	30$236	
Somma.....			481$592	
Tarefa n.º 2				
Porta das Lapas e caza de guarda				
Excavações para fundações e tronsporte.	47m3,67	95	4$528	
Alvenaria ordinaria nas fundações....	47m3,67	1$900	90$573	
Alvenaria ordinaria acima das fundações e assentamento de cantaria....	91m3,19	2$100	191$499	
Alvenaria de tijolo.....	19m3,17	6$000	115$020	12$194
Construcção de cimalha guarnecida...	85m1,42	900	76$878	
Cobertura pelo systhema mouriscado..	17,08	500	8$540	
Construcção de beiral.....	3,80	200	760	
Somma.....			487$798	
Tarefa n.º 3				
Rebouco e guarnecimento com côr na massa.....	321m,57	160	51$451	
Rebouco e estuque com côr na massa..	185,84	400	74$336	3$134
Somma.....			121$787	
Tarefa n.º 4				
Cantaria d'Outil apparelhada em vãos de portas, janellas, degraus, cimalha, cordão, etc.....	13,864	22$000	305$008	7$625
Tarefa n.º 5				
CONSTRUCÇÃO DA PORTA DE LUZO E MELHORAMENTO DA CAZA DE GUARDA QUE SERVE DE ANNEXO				
Excavação para fundações e transporte.	40,46	180	7$282	
Alvenaria em fundações.....	42,14	1$900	80$066	
Idem acima das fundações e assentamento de cantaria.....	96,87	2$100	203$427	
Alvenaria de tijolo.....	5,936	6$000	35$616	
Cimalha de tijolo guarnecida.....	49,00	900	44$100	12$395
Cobertura com telha systhema mouriscado.....	34,05	500	17$125	
Beiral e espigões.....	60,20	200	12$040	
Emboço e rebouco.....	481,03	200	96$209	
Somma.....			495$832	
Tarefa n.º 6				
Cantaria d'Outil apparelhada em vãos de portas, janellas, degraus, cimalha, cordão.....	22,91	21$800	499$438	12$485

A carta fechada que cada concorrente apresentar deverá conter:

1.º Declaração escripta, obrigando-se a fazer o deposito de 5 por cento do valor da adjudicação.

2.º Proposta de preço em sobrescripto separado.

3.º Documento de ter feito o deposito provisorio.

As condições especiaes d'esta arrematação e desenhos respectivos acham-se patentes todos os dias na secretaria d'esta Administração.

Bussaco, 22 de janeiro de 1889.

O Conductor chefe dos trabalhos do Bussaco
Henrique Eugenio de Castro Rodrigues.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—**Largo da Vera-Cruz**
AVEIRO